

Casa I

Refere-se à auto-imagem, à aparência física do indivíduo imediata e visível (seus gestos, expressão facial, etc.). É o conjunto esquemático do que o indivíduo vê e compreende sobre si mesmo sem intermediários, é a auto-imagem arquitetônica.

Sol

Inteligência Intuitiva Autônoma

O primeiro dado seguro obtido pelo sujeito é sobre ele mesmo. Sua própria imagem contemplada no espelho, ou simplesmente pensada, é óbvia e inquestionável.

Seu conhecimento sobre si próprio lhe parece tão natural que tem a impressão de se conhecer há longo tempo. Sendo transparente aos seus próprios olhos, acha-se transparente aos demais e considera inverossímil alguém ser diferente.

Faz parte de sua natureza não se preocupar de imediato com se agrada ou não ao outro. Ele se auto-refere o tempo todo, nunca estranhando seu próprio comportamento, utilizando-o como modelo pelo qual capta o comportamento dos outros. Sua biografia e os papéis que desempenhou funcionam como a chave da sua compreensão do mundo, como se não existissem outros papéis concebíveis, como se sua própria vida fosse o modelo pelo qual posteriormente, por diferenças e semelhanças, se foram moldando as outras.

O traço fundamental de sua imagem é a liberdade. Criador de seu próprio mundo, se vê como um centro que irradia livremente e a cada momento tem como informação básica as suas próprias possibilidades, o repertório do que pode fazer e ser a cada instante.

Quando não se vê como o centro dos acontecimentos, necessita de um esforço para compreender o que o outro espera dele, porque então nada intui. Necessita encarar-se como centro agente mesmo quando não o é. A percepção da perspectiva alheia nunca é imediata e espontânea mas requer esforço e aprendizado.

Síntese

Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade sua auto-imagem.

Exemplos

Sta. Teresa de Ávila, Abraham Lincoln, Richard Wagner, Pierre A. Renoir, Arthur Rimbaud, Claude Debussy, H. Toulouse-Lautrec, J. Guimarães Rosa.

Saturno

O indivíduo estranha sua própria aparência física, tem uma vivência de seu próprio eu aparente como uma coisa evanescente, insubstancial. Atribui aos outros rostos uma familiaridade, uma naturalidade que não percebe no seu.

Tem uma consciência aguda de que sua expressão se modifica conforme o papel que desempenha, e sente-se, por isto, um ator. O jogo das máscaras se torna de vital importância quando tem de se apresentar socialmente. Substitui a sinceridade individual pelo "fingimento" (sinceridade artística) e aos outros parece "cara de pau" ou excessivamente retraído, porque na construção dos esquemas adaptativos há perda da naturalidade, seu comportamento parecendo premeditado, o que cria desconfiança.

O indivíduo duvida constantemente da auto-imagem nos primeiros anos de vida, questionando-a e rejeitando-a, multiplicando os pontos de vista desde os quais se encara e, com isto, alimentando contradições que tornam esta imagem mais insustentável ainda e criando a necessidade de fixar uma auto-imagem racionalmente fundamentada e justificada. Ele precisa construir uma imagem para si mesmo, a partir da reflexão e da experiência sobre as imagens e personagens possíveis.

O indivíduo se sente inferiorizado diante de quem ele percebe como espontâneo, natural, desvolto e auto-confiante, ou, inversamente, de quem lhe transmite a imagem de uma máscara perfeita, de um total domínio da simulação, a que ele também aspira. Ele é vulnerável a quem vê o seu defeito, a imperfeição de sua imagem.

Aporia

A questão humana que lhe causa perplexidade e espanto é a percepção de um hiato entre o eu (sua identidade interna) e sua aparência física (percepção de si externamente), ou seja, a expressão visível, externa do ser.

Na medida que o indivíduo quer ser sincero, mas ao mesmo tempo deseja parecer natural na sua sinceridade (porque uma sinceridade forçada não seria autêntica), ele premedita uma expressão de sinceridade; e na hora em que premedita já sente que não é sincero. Quanto mais natural a aparência conseguida, mais farsante ele se sente.

Síntese

É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que afete sua auto-imagem.

Exemplos

Johan W. von Goethe, Karl Marx, Emile Zola, Carl G. Jung, Hermann Keyserling, Maurice Chevalier.

Júpiter

Percebe a cada momento o que pode ser e o que quer ser. Gera uma figura para si e torna-se o que deseja. Contorna a exigência de autocritica, e, portanto, nunca tem problemas com a auto-imagem, que é plástica; ela não é vivida como uma identidade definitiva, limitante, um personagem que o indivíduo tenha de carregar, mas sim como uma espécie de massa plástica com a qual ele pode fazer o que quiser, que lhe pareça uma expressão e um resultado do exercício de sua liberdade. Não finge, mas cria.

Age espontaneamente e impensadamente como se fosse o criador livre de suas ações, e o faz para não criticar suas motivações e ações. É autoconfiante sem necessidade de autoconsciência (o que o diferencia do indivíduo com o Sol na I, cuja autoconsciência é a matriz do impulso de criatividade). Na primeira impressão, não parece existir hiato entre o que expressa e o que quer ser, parece ter uma coerência em bloco, apresentando uma certeza pessoal muito grande de que se conhece, embora isto possa não ser verdade. Acredita no papel que está representando como se nunca houvesse sido outra coisa.

Síntese

Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos sua imagem, ou personalidade exterior.

Exemplos

Napoleão Bonaparte, Ralph W. Emerson, Benjamin Disraeli, Hans C. Andersen, Abraham Lincoln, Guy de Maupassant, H. Toulouse-Lautrec, Marie Curie, Winston Churchill, Maurice Ravel, Herman Hesse, Hermann Keyserling, Graciliano Ramos.

Marte

Está sempre se mexendo para permanecer exatamente do mesmo jeito que está, este movimento externo é para evitar o movimento interno; gostaria de estar tranquilo com a sua auto-imagem, e fica então sensível a qualquer ameaça nesta área. Esta atividade se exterioriza imediatamente e é visível aos outros, transparece na sua imagem. Reage exterior e fisicamente às informações que trazem novidades sobre a auto-imagem, rejeitando qualquer alusão, provocação ou ofensa a ela.

Desenvolve esquemas defensivos com relação à sua auto-imagem: incomodando os outros, o meio-ambiente, para não ser afetado interiormente; reagindo no sentido de manter superficial o contato com as pessoas ou mudando constantemente sua imagem externa, para não mudar a interna.

Marte e Júpiter na I revelam uma certa resistência instintiva a qualquer auto-exame; Júpiter, porque alimenta uma identificação dogmática com a imagem que deseja projetar a cada instante; Marte, porque provoca um forte sentido de incomodidade ante qualquer reflexão que possa alterar seu estado interno, e porque tende a preservar a homeostase.

Síntese

Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete sua auto-imagem.

Exemplos

Guy de Maupassant, Mohandas K. Gandhi, Winston Churchill, Ernest Hemingway, Jean-Paul Sartre.

Vênus

Guarda na memória mais imagens de si mesmo que qualquer outra pessoa. Recorda-se de sua postura e pode imaginá-la numa infinidade de papéis possíveis para ser utilizado de modo proveitoso em situações futuras. Controla sua auto-imagem procurando sempre otimizá-la e interpretando as críticas favoravelmente. Adapta-se ao que o momento impõe, captando o melhor papel para atender ao que queira mostrar ao outro. Tem uma naturalidade plástica. Imagina que sua presença é sempre melhor do que realmente pode ser, o que na maior parte dos casos realmente resulta numa melhora da imagem. Imaginação harmônica de si mesmo.

Por isso mesmo, toda quebra da auto-imagem, ainda que rara, é de uma gravidade ímpar, quando acontece, porque o indivíduo não sabe lidar com o que lhe pareça definitivamente negativo, isto é, não assimilável a uma imagem positiva. Toda fantasia é uma defesa contra a desilusão, de modo que, quando a desilusão se instala, é que a fantasia já nada mais pode fazer. Portanto, quanto mais rica e plástica a fantasia, mais elevada a auto-estima. Não se deve esquecer que todo processo depressivo começa com uma "desimaginação", com um esvaziamento do conteúdo das imagens e uma perda de seu magnetismo. No indivíduo com Vênus na I, os reflexos desse processo na auto-imagem - e portanto no comportamento exterior visível - são imediatos e devastadores.

Síntese

Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante sua auto-imagem.

Exemplos

Richard Wagner, Anatole France, Guy de Maupassant, Mohandas K. Gandhi, Gregory Peck, Judy Garland.

Lua

O comportamento exterior é continuamente alterado por mudanças na auto-imagem, as quais, por sua vez, derivam de estímulos fortuitos, como por exemplo os altos e baixos do tônus corporal, as mudanças da atmosfera, o decréscimo accidental do calor humano nesta ou naquela relação humana, etc. O componente emocional da conduta do indivíduo salta aos olhos: é evidente e atua sobre os outros como um ímã, mobilizando-os. Sua sensibilidade e abertura a estímulos externos é visível na sua aparência física. A alteração de sua auto-imagem muda o seu sentimento e sua motivação. Avalia e julga valorativamente sua imagem a todo instante, mas não sob a forma de juízos explícitos (como Saturno na I) e sim sob a forma de um bem-estar ou mal-estar frequentemente vagos e indefiníveis. A mudança da auto-imagem transforma o valor sentimental de toda a vida. Auto-imagem instável, porém irradiante. O desejo de sentir-se bem consigo mesmo alimenta, por contraste, um mal estar intermitente, que se reflete numa conduta ciclóide.

Síntese

Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação tudo que afete sua auto-imagem.

Exemplos

Immanuel Kant, Friedrich Nietzsche, Paul Gauguin, Marie Curie, Marcel Proust, Leon Trotsky, Charles Chaplin, Walt Disney, J. Guimarães Rosa.

Casa II

Refere-se ao conhecimento do real, do mundo físico, dos dados sensíveis presentes (formas, cores, cheiros, sons, pesos, tamanhos, texturas, sabores, etc.). Confronto do indivíduo com o que o cerca. O mundo dos objetos inclui o próprio corpo, não enquanto imagem (Casa I) e sim enquanto densidade, peso, força e tensão.

Sol

Inteligência Intuitiva Realista

O Sol nesta posição representa a relação do eu com o mundo, onde o outro está excluído. O centro intuitivo é a circunstância, o indivíduo vive no mundo das coisas (formas, sons, pesos, gostos, odores, densidade, clareza, definição da forma, etc.), tendo habilidade para melhor avaliar a matéria. Se auto-refere pelo ambiente físico. É o homem e as coisas, confia no seu próprio testemunho. Intuição sensível. A percepção sensível, entretanto, é limitada e curta, acaba logo, por isso encara a realidade como limitação. Inteligência que contempla e descreve.

É natural que este indivíduo perante todas as situações humanas procure olhá-las com uma espécie de disposição arquitetônica, onde tudo está do jeito que está. Compreende o fato consumado, e tende a ter uma visão estática da realidade no momento em que a percebe. É realista porque se adapta ao estado das coisas, mas tem a impressão de que nunca age, só responde a ele, por isso não se sente como o agente criador por mais ativo que seja. Se vê como observador ainda que seja o agente. Aptidão para a solidão.

O senso de que um objeto tem consistência própria é comum nesta posição e tem, portanto, uma noção corporal mais clara de suas possibilidades diante do objeto. Vê o mundo mais real do que a ele mesmo. Precisa viver a experiência concreta da forma mais sensorial possível para intuir, por isso sua memória é carregada de dados sensoriais.

Síntese

Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade o quadro total da situação corporal estabelecida no momento.

Exemplos

Immanuel Kant, Benjamin Disraeli, Karl Marx, Gustave Flaubert, Mark Twain, Oscar Wilde, André Gide, Charles de Gaulle, Simone de Beauvoir.

Saturno

O mundo é sentido como irreal, fugaz. As sensações são evanescentes. A razão do indivíduo, mal recebe uma informação sensível, tende a criticá-la, compará-la com outra, avaliá-la e para isso precisa afastar-se do dado intuitivo e recorrer à memória de outros dados. Problematisa e paralisa sua experiência, o dado sensível gera espanto, perplexidade e medo. Surge então, a dúvida sobre a existência do mundo exterior. É como se a pessoa tivesse um "buraco" nos sentidos, como se o mundo esfarelasse nas suas mãos. As coisas físicas são destrutíveis, então a propriedade sobre as coisas do mundo físico é relativa, questionável. Sente-se sem poder sobre o mundo real que o cerca, nunca sabe com exatidão o quê e o quanto possui. Sente-se pobre por mais rico que seja. Consciência da perecibilidade das coisas. Frustração na posse de algo que o distancia da experiência prazerosa. Aos outros parece pão-duro ou exageradamente desapegado (esnobismo invertido), ou alternadamente uma coisa e outra. A quantidade é a forma mais rudimentar de racionalidade, pois pode-se dar números ao que não se consegue dar nomes; por isto, dá um certo alívio a este indivíduo saber o valor numérico (preços,

tamanhos, etc.) das coisas do mundo real.

Com esta posição o indivíduo pode desenvolver: avareza (quanto mais possui, mais quer, pois no íntimo não sente como verdadeiramente seu); renúncia ao mundo material; repulsa e destruição de patrimônios; recusa em receber coisas dos outros (sente-se inferiorizado, pois se o outro lhe dá algo, é o outro quem tem o poder) e repetição compulsiva de experiências sensoriais (para certificar-se dos dados sensíveis). Também pode se fragilizar diante de pessoas que questionem o seu direito à propriedade, ao que seria realmente seu, ou quem lhe parecesse realmente apropriar-se de suas experiências e coisas materiais. Pode desenvolver uma relação puramente quantitativa com os objetos sensíveis (por exemplo, comer muito e mal, ou comer sistematicamente coisas insossas e em pequena quantidade). Tem, em geral, uma avaliação estética inadequada, compensada às vezes por uma sensibilidade muito precisa em áreas específicas (por exemplo, bom gosto musical e mau gosto em todo o resto).

Aporia

A questão é a insubstancialidade do real, do mundo das sensações: se tenho e não uso, não tenho, mas se uso, acaba. É a extinção do mundo material. É a constatação da natureza paradoxal da matéria: ela é o real externo por excelência, mas só pode ser conhecida pelas sensações, que são fugazes por definição. Uma sensação que se prolonga se anula a si mesma; o que dá a realidade às sensações é o contraste, logo, a extinção das sensações.

Síntese

É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que denote uma mudança no seu equilíbrio sensorial.

Exemplos

Alexandre Dumas, Júlio Verne, Edouard Manet, Paul Cézanne, Friedrich Nietzsche, Kaiser Guilherme II, Claude Debussy, Mohandas K. Gandhi, Arthur Koestler, Gregory Peck.

Júpiter

Tranquilidade e confiança em relação ao mundo físico que o cerca, visto como um repertório inesgotável de bens e possibilidades. Logo, confiança nos próprios recursos e estabilidade material. Otimismo no sentido de confiar que a situação presente sempre oferecerá base à sua ação. Não se deixa abater completamente por uma situação material desconfortável ou desfavorável, acreditando sempre poder impor-se a tais situações de maneira a buscar espontaneamente um contexto mais confortável e agradável aos sentidos. Confia na vida, o mundo é infinitamente rico.

A constatação do fato consumado lhe parece tranquilizadora, e nunca limitante. Todo fato consumado é uma prova da realidade e consistência do mundo, logo um motivo de confiança.

Síntese

Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos tudo o que afete seu equilíbrio sensorial.

Exemplos

Wolfgang A. Mozart, Alexandre Dumas, Thomas Mann.

Marte

Reage prontamente às situações concretas, já estabelecidas, captadas pelos sentidos, a qualquer coisa que ameace o seu bem-estar sensorial, que o incomode fisicamente ou que

pareça, pelo cerco do fato consumado, limitar suas possibilidades de ação.

Tem o senso do não-estético, do feio, do incômodo, inadequado, desagradável aos sentidos. Em geral, reage reclamando de qualquer desconforto, é difícil de contentar-se sensorialmente. Ao longo do tempo, pode tomar providências para evitar todos os desgostos (com o auxílio da razão), cercando-se de prazeres sensoriais. Outra forma de reação seria a negação das sensações, o qual pode tomar seja a forma da renúncia, seja a do desperdício sacrificial.

Síntese

Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que denote uma mudança no seu equilíbrio sensorial.

Exemplos

Leonardo da Vinci, Sta. Teresa de Ávila, Johan W. von Goethe, William Blake, Mark Twain, Arthur Rimbaud, Maurice Ravel.

Vênus

Guarda na memória os dados sensíveis agradáveis, abstraindo-se dos desagradáveis, captados do mundo físico, e os utiliza para otimizar as sensações diárias. Vê as possibilidades que existem no ambiente físico, as que estejam de acordo com sua expectativa, para que satisfaçam seu equilíbrio sensorial. Imaginação harmônica das sensações.

Em contrapartida, um estado emocional invencivelmente depressivo, caso se instale, se expressará muito facilmente numa imagem alterada do mundo físico. A sensação generalizada de feiúra expressará fisicamente com muita nitidez o estado interior.

Síntese

Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante tudo o que afete o (qualquer mudança no) seu equilíbrio sensorial.

Exemplos

Alexandre Dumas, Abraham Lincoln, Mark Twain, Pierre A. Renoir, H. Toulouse-Lautrec, Albert Camus.

Lua

É hipersensível aos objetos físicos encarando-os como extensões de si mesmo: tem apego ou rejeição sentimental aos objetos. Extremamente sensível à vida física, que lhe parece feita de contrastes e alternâncias. A imagem de felicidade e infelicidade que tem é material: conforto, bem estar físico, ou vice-versa. Suas necessidades e carências também estão colocadas neste ponto. Seu bem estar depende que estas necessidades sejam atendidas pelas circunstâncias; tem a expectativa de gratificação passiva (por exemplo, ganhar presentes). É muito afetado emocionalmente pelo que comeu, como dormiu, etc. O bem estar físico é uma condição para o bem estar psicológico. A realidade, as necessidades básicas criam uma segurança emocional. Relação instável com o mundo real percebido. É feliz quando o mundo lhe supre as necessidades do momento. A relação com o mundo material é subjetiva. Não sabe o que o satisfaz, embora sempre saiba, a cada momento, se está satisfeito ou insatisfeito.

Síntese

Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação qualquer mudança no seu equilíbrio sensorial.

Exemplos

Victor Hugo, Frédéric Chopin, Charles Dickens, Karl Marx, Pierre A. Renoir, Theodore Roosevelt.

Casa III

Refere-se ao pensamento, ao estabelecimento de relações entre as coisas, de maneira a poder representar uma coisa por outra. É todo processo onde haja um signo e um significado, transformando a realidade em linguagem. É através da linguagem que se constitui uma realidade independente do sujeito. Intercâmbio entre as coisas, entre o subjetivo e o objetivo. É o mundo da linguagem que vai distinguir o real (Casa II) do sujeito (Casa I).

Sol

Inteligência Intuitiva Interpretativa

Intui enquanto pode pensar, isto é, representar uma coisa por outra, comparar, ter alternativas, não aceita o dado tal e qual, tem de pensar em outras possibilidades. Nada tem sentido em si, mas pela relação de signo-significado.

Pensa sem concluir, o que se impõe como verdade inquestionável sai do foco de sua atenção. Se conclui algo, tem de pensar noutra questão, pois só intui onde há possibilidade de erro. O fundamental para o indivíduo é a crítica, e não a afirmação. A dúvida o ajuda, lhe é vitamínica, por isso, funciona melhor com atitude dialética: tem de afirmar e negar.

Tende a discutir as idéias alheias, é aberto a por em risco suas próprias crenças e opiniões. Se possui crenças, tem de fingir para si próprio que não as tem, para continuar entendendo.

Conserva uma infinidade de cenas e histórias que são importantes não pelo seu conteúdo, mas por reconhecer nelas exemplos típicos (signos). Poder evocativo e de inspiração nas experiências de aprendizado juvenil. Aprende com a experiência.

A inteligência do indivíduo crescerá na proporção que domine a linguagem. O Sol na III busca um nome (conceito) em contraste com o Sol na IX que busca a sentença (juízo). Sente-se seguro na hora que pode denominar, referir, encontrar uma suplência (no sentido lingüístico). Procura situações em que a inteligência possa se manter ativa, deslizando de uma coisa para outra, de um signo para outro. Requer o movimento da linguagem.

Síntese

Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade o curso completo do seu raciocínio.

Exemplos

Franz Liszt, Louis Pasteur, Paul Cézanne, Winston Churchill, Maurice Chevalier, Walt Disney, Albert Camus.

Saturno

Quando criança aprende a falar muito cedo ou demasiadamente tarde, sabe muitas palavras e de repente percebe que não sabe as coisas correspondentes. Rompe então com o hábito da linguagem e a passagem do significante para o significado é obstruída pela pergunta "por que?". O processo interpretativo fica detido, porque é questionado. Ele deixa de ser uma janela transparente para o mundo das coisas e torna-se um vidro opaco; a atenção volta-se para o vidro em si mesmo e não chega mais às coisas. A linguagem é coisificada.

O signo não tem uma relação intrínseca com a coisa significada, no máximo pode ter uma analogia. Pode, portanto, ser olhado como signo ou como coisa. Para o indivíduo com Saturno

na III a palavra enquanto realidade sonora tem mais atração magnética do que a palavra enquanto canal neutro para as coisas significadas.

A consciência da palavra enquanto coisa se interpõe entre o indivíduo e o seu interlocutor. Tudo o que ele fala não tem garantia de que o outro vai entender. A experiência que ele consolida é que é "impossível dizer a verdade". Vai ter uma consciência crítica prematura e excessiva da relação problemática entre a linguagem e a experiência. Contesta a validade do conhecimento do mundo, na linguagem que o exprime. Na realidade, todo o processo de interpretação se baseia em códigos, palavras que se apoiam num elo voluntário com o real. Este elo é decorrente de um acordo entre vontades, portanto, tal elo é arbitrário. A consciência dessa arbitrariedade é particularmente aguda no indivíduo com Saturno na III e ela funciona, nele, como um bloqueio à comunicação, só pode ser superado mediante um desenvolvimento lingüístico superior ao do seu ambiente. A aporia vem da arbitrariedade do signo.

Num desenvolvimento ideal, o indivíduo colocaria a questão do fundamento do significado das palavras num plano genérico, como dúvida filosófica, podendo respondê-la até certo ponto através do estudo etimológico das palavras e da lingüística, compreendendo que as palavras não são coisas, mas são diferenças entre coisas.

Seu esquema lógico pode ser: não pensar em nada, apegando-se ao mundo das coisas sensíveis (concretismo, poesia concreta - as palavras tratadas como coisas) ou desconectar as coisas que fala daquilo que percebe na realidade (pode entender que aí tem liberdade para mentir, já que as palavras não precisam ligar-se a coisas reais - abstracionismo).

Aporia

A palavra é signo de coisa e ela mesma é coisa. Não havendo a relação intrínseca de signo-significado, a linguagem funda-se numa convenção. Mas então como pode haver uma fala "verdadeira"?

Síntese

É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que afete o curso momentâneo do seu raciocínio.

Exemplos

Auguste Comte, Charles Dickens, Theodore Roosevelt, André Gide, Bertrand Russell, Herman Hesse, Mia Farrow.

Júpiter

Autoconfiança ilimitada na sua própria capacidade de aprendizagem, de fazer associações entre idéias e conceitos. O sujeito confia também na sua capacidade de comunicar aos outros o que pensa e aprende, e de persuadir o interlocutor de qualquer coisa que queira. Não se deixa abater por argumentações contrárias às suas, ele mesmo é que tem de sentir-se o autor de suas mudanças de idéias. Quer estar livre para poder pensar o que quiser. Confia na capacidade de convencer, persuadir, na eficácia de sua palavra. Esta confiança é espontânea, dogmática e totalmente independente de ser fundamentada ou não. A capacidade intelectual real decidirá se essa autoconfiança resultará em eficácia no aprender e no falar, ou numa inépcia verbosa.

Síntese

Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos o curso do raciocínio - seu ou

alheio.

Exemplos

Leonardo da Vinci, Sta. Teresa de Ávila, Arthur Rimbaud, Claude Debussy, Charles Chaplin, Adolf Hitler, Ernest Hemingway, Mário Ferreira dos Santos.

Marte

Reage às situações que apelam ao seu raciocínio e à sua habilidade para estabelecer relações, situações que ameacem a estabilidade do seu curso atual de pensamento, de suas referências mentais do momento. Maneja rapidamente as palavras, seja como ouvinte e intérprete, seja com falante.

Tenta pensar o mais rápido possível para evitar gasto de energia, é impaciente para pensar, mas por isto mesmo acaba gastando mais energia do que desejaria. Na conversação, se antecipa à pergunta do outro, concebendo respostas, quer as emita em voz alta ou não, mas em todo caso mantendo-as prontas e na ponta da língua, ou então fugindo do assunto com uma espécie de desinteresse ativo. Quando quer aprender algo, quer que seja da forma mais rápida e simples possível, seu ritmo de estudo tende a ser espasmódico. Se for um tipo extrovertido, gostará de polemizar, e poderá ter mesmo um amor ao paradoxo, dizendo o contrário do que pensa, para que alguém o conteste; se for introvertido, viverá toda essa polêmica de modo interiorizado.

Síntese

Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete o curso momentâneo do seu raciocínio.

Exemplos

Victor Hugo, Edgar Degas, André Gide, Herman Hesse.

Vênus

Aquilo que o indivíduo lê ou escuta, facilmente se transforma em imagens. É um indivíduo que fala ou pensa de maneira persuasiva, gerando imagens que ficam retidas na memória. Tem grande habilidade pictórica ou retórica ou então as duas, podendo fazer as pessoas verem mediante a verossimilhança do exemplo empregado. O exemplo é a arte retórica por excelência. Raciocina mediante exemplos. A extensão da compreensão será dada pela maior visibilidade do objeto pensado ou da experiência em questão. O que fala não tem compromisso crítico com o real, mas sim com a verossimilhança nascida da harmonia e da estética da relação signo-significado. É um indivíduo que afina a palavra com a sensação requerida, enriquecendo-a, e desta forma se auto-satisfazendo. Imaginação harmônica da palavra e da imagem. A capacidade persuasiva e plástica nem sempre se expressará exteriormente em palavras; mas, interiormente, ela está sempre operante.

Síntese

Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante o curso momentâneo do raciocínio - seu ou alheio.

Exemplos

Immanuel Kant, Hans C. Andersen, Franz Liszt, Karl Marx, Gustave Flaubert, Louis Pasteur, Emile Zola, Oscar Wilde, Winston Churchill, Maurice Ravel, Leon Trotsky, Pablo Picasso, Maurice Chevalier, Charles de Gaulle, Simone de Beauvoir.

Lua

Fala e ouve refletindo apenas o que sente no momento. É profundamente afetado pelo que ouve ou pelo que lê ("Este livro mudou minha vida"). O indivíduo já se sente alterado pelo que o outro vai dizer. É sensível ao falar, expressa os seus sentimentos e sabe chamar atenção para o que está falando. A expressão verbal é uma maneira de lidar com seus sentimentos, entretanto, os assuntos, os temas o atraem conforme o desejo do momento. No que o indivíduo fala, coloca toda a sua energia e se desgasta emocionalmente. É a expressão sensível da linguagem centrada no falante. Quer ser gostado em função do que comunica. Só ouve o que lhe interessa, que varia de acordo com o seu estado emocional. A felicidade está no processo do conhecimento e da aprendizagem e portanto o indivíduo tem o senso da vida como viagem, percurso e aventura, o senso do valor da experiência.

Síntese

Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação tudo que afete o curso momentâneo do seu raciocínio.

Exemplos

Leonardo da Vinci, Napoleão Bonaparte, Edouard Manet, Henry Ford, Carl G. Jung, Herman Hesse, Adolf Hitler, F. Scott Fitzgerald.

Casa IV

Refere-se à intimidade do sujeito: a imagem do ritmo interior, a passagem do tempo dentro de si e a vivência das emoções. A cada momento sabe o que está sentindo e com que intensidade e participação. Antevisão e vivência dos temores, anseios, desejos, aspirações, atmosfera psicológica e estados passageiros. É onde há a menor distância entre os desejos e seus objetos. É a auto-imagem musical. É o rio do tempo e a própria dissolução nele. É a impermanência.

Por se relacionar ao desejo, esta casa fala de uma falta e do anseio pelo seu preenchimento. O estado emocional do indivíduo é dosado pela relação desejo x possibilidade de gratificação.

Sol

Inteligência Intuitiva Psicológica

O mundo que o indivíduo intui mais facilmente é o de seus próprios sentimentos. Sempre sabe se está feliz ou infeliz e naturalmente atua de modo a atender seus anseios de felicidade. Encara as outras pessoas como depósitos de desejos, anseios, como se elas também prestassem atenção ao seu bem-estar emocional o tempo todo. O tônus é marcado pela consciência de infelicidade ou felicidade.

Antevisão e vivência da impermanência das coisas, das motivações, dos desejos, das aspirações, da atmosfera psicológica, dos humores e dos estados passageiros. É a instabilidade. Conseguir o objeto desejado é temer pela perda do mesmo, porque o desejo é uma relação mediada pelo tempo. Para estas pessoas raramente haverá momentos neutros, todos tendem a ser valorados. O sentido do tempo é muito profundo. O mundo, a vida é vista como uma coisa viva. Envolvimento pessoal profundo.

Tem instantaneamente a visão de qual a atração exercida ou padecida a cada momento nas relações. Sabe o quanto atrai os outros para que realizem o seu desejo ou o quanto é atraído para que realize os desejos dos outros. Sabe instantaneamente se as pessoas estão alegres ou tristes e o sabe mais ou menos por quê. Sabe como atuar sobre o humor das pessoas, a cada momento. Intui mais facilmente o indivíduo isolado do que a relação entre os papéis num contexto social, desta forma personaliza todos os comportamentos. O mundo é um cenário passivo onde se desenrola a história de sua alma. Percepção narrativa.

Tenta ver as coisas pelo seu valor afetivo, sentimental. Se a situação não lhe diz nada neste sentido, inventa alguma coisa para acrescentar a ela valores afetivos que a tornem interessante. Se não consegue fazer isto, se desinteressa completamente pela situação. Espera receber algo do mundo.

Síntese

Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade o conjunto de seus motivos de gratificação e frustração dos desejos.

Exemplos

Victor Hugo, Hans C. Andersen, Charles Dickens, Emile Zola, Woodrow Wilson, Marcel Proust, Leon Trotsky, Pablo Picasso.

Saturno

O que aparece para o sujeito como insubstancial, irreal, é ele mesmo enquanto sujeito desejante, é a sua própria alma (conjunto de aspirações, desejos, sentimentos, etc.) O objeto do desejo escraviza o indivíduo e, ao mesmo tempo, é o fato do indivíduo desejá-lo que dá a esse objeto tanto poder. Se o indivíduo obtém o objeto, é o objeto quem tem o poder de completá-lo; se não o obtém, permanece em privação.

Há uma dialética de desejo e frustração, que lhe torna dolorosa a convivência com os outros porque estes não sabem como satisfazê-lo. É um infeliz crônico, quer compreender racionalmente o estado de desejo, o que é impossível. Só o que se pode compreender racionalmente é o conceito genérico (essência permanente) deste ou daquele desejo, não o estado de desejo no momento real, de vez que o próprio esforço de com-preensão racional exige distanciamento, portanto renúncia ao desejo.

O indivíduo se questiona profundamente e o tempo todo. É a posição de maior auto-questionamento e também a que mais debilita a auto-confiança. Não permite a entrada de novas experiências emocionais enquanto não tiver resolvido aquela a que se apegou. Estranha o próprio sentimento, não tem conforto íntimo. Tenta não sentir o sentimento e procura compreendê-lo logicamente, e assim o perde.

Os estados emocionais tendem a se estabilizar como problemas, procura repetir os felizes e repelir os infelizes, e vai falhar. O indivíduo necessita ser compreendido e explicado pelo outro. Só se sente capaz de amar na medida em que exista uma condição intelectual que o compreenda, o explique e o abarque. Sente-se frágil, vulnerável ao desejar, e entediado ao satisfazer o desejo, surgindo daí o desejo do desejo. Este indivíduo pode tentar não desejar nada, cercado de tudo que necessita, fechando um círculo para bastar-se, ou motivando-se e movendo-se pela imitação do desejo dos outros.

Vocação psicológica pelo interesse na problemática. A mãe, o lar, o sentimento serão sempre motivos de reflexão. O problema colocado é o problema das suas origens: como ele foi um nada e hoje ele é algo. Uma das maneiras simbólicas da questão: permanecer apegado ao seu passado porque a pergunta está lá.

Num desenvolvimento ideal, o indivíduo iria compreendendo que o desejo é que dá movimento à vida, através da transformação de um desejo em outro, do deslocamento do desejo de um objeto a outro. A única forma de razão compatível com o desejo é a narrativa, através da qual o indivíduo pode organizar o fluir de seus estados de alma no tempo (não existe desejo sem tempo), podendo com isso até mesmo desenvolver uma aptidão histórica. É importante para este indivíduo compreender que a conexão entre estados emocionais é temporal, não lógica.

Aporia

O indivíduo percebe uma barreira entre o desejo, a falta de algo, e a sua satisfação. Insubstancialidade da alma, do sujeito desejante. Impossibilidade de racionalizar o desejo, cujo objeto é accidental.

Todo objeto de desejo exerce domínio sobre o sujeito desejante; logo, representa também uma ameaça (de frustração). O medo, porém, opõe-se ao desejo; logo, o objeto do desejo é ambíguo: prazer e dor.

Na tentativa de escapar desta aporia, o indivíduo constrói esquemas racionais para dominar intelectualmente o desejo; mas o distanciamento necessário a isto reprime e sufoca o desejo, resultando em falta de motivação, portanto num sentimento de pobreza e melancolia, no qual

os objetos de desejo desaparecem numa distância inatingível.

Síntese

É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que se refira à gratificação e frustração dos desejos.

Exemplos

Frédéric Chopin, Maurice Ravel, Ernest Hemingway, Walt Disney, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Judy Garland, Marilyn Monroe.

Júpiter

Tende a confiar imensamente na sua capacidade de atingir a felicidade, de obter o que deseja, de criar em si mesmo seu próprio objeto de satisfação. Acredita que a Providência o ajudará a realizar seus mais íntimos desejos, que ele conseguirá se impor às circunstâncias externas que poderiam causar-lhe infelicidade. Por isso, não se deixa abater por frustrações emocionais, por desejos não realizados. Sente-se livre em relação aos próprios desejos, em decidir realizá-los ou não, mantê-los ou fazê-los cessar, num esforço de vontade. Confia na felicidade final.

Síntese

Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos seu estado íntimo de equilíbrio. Gratificação-frustração.

Exemplos

Johan W. von Goethe, Richard Wagner, Giuseppe Verdi, Edgar Degas, Thomas Hardy, Friedrich Nietzsche, Marcel Proust, Maurice Chevalier, Charles de Gaulle, Walt Disney, Richard Nixon, Albert Camus, Tyrone Power, Judy Garland.

Marte

Reage a qualquer situação que ameace seu equilíbrio emocional, sua felicidade atual, a qualquer coisa que possa preencher ou frustrar um desejo seu. Deseja e rejeita o objeto externo, simultaneamente.

Necessita mudar o estado psicológico das pessoas íntimas, ser comovente e atuar na própria intimidade.

Quer satisfazer imediatamente todos os seus desejos; quer a felicidade já. Se o estado de desejo se prolonga, fica muito incomodado. É um estado agudo, passando rapidamente da profunda felicidade para a profunda infelicidade. Acha que as pessoas não o entendem e é extremamente difícil satisfazê-lo. Tenta fugir de situações que lhe possam ser desagradáveis emocionalmente, ou procura resolvê-las logo para não se sentir invadido por elas. A tensão entre o desejo e a frustração é tão grande que o próprio desejo, ao apresentar-se, já contém o elemento irritante. A irritação tende a confundir-se com a excitação.

Síntese

Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que diga respeito à gratificação e frustração dos desejos.

Exemplos

Louis Pasteur, Emile Zola, Oscar Wilde, Thomas Mann, Maurice Chevalier, Charles de Gaulle, Walt Disney, Simone de Beauvoir, Richard Nixon, Gregory Peck.

Vênus

Guarda na memória os estados emocionais agradáveis para poder otimizar suas alterações emocionais do dia-a-dia, e projetar uma felicidade futura. Não sente muita necessidade de agir em resposta aos estados emocionais, porque tem a facilidade de trabalhá-los imaginativamente, criando uma versão mais otimista. Completa na imaginação o que lhe falta para ser feliz. Dá um fundo de felicidade passiva que serve de apoio para o indivíduo em todas as situações. Imaginação harmônica dos estados emocionais.

Em casos de profunda depressão as imagens de felicidade desapareceriam e a tristeza tomaria a forma de uma espécie de conformidade fechada em si mesma, por ausência de objeto de desejo.

Síntese

Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante o seu estado íntimo, seja de satisfação ou frustração.

Exemplos

Victor Hugo, Edouard Manet, Paul Cézanne, André Gide.

Lua

O objeto de valoração são os estados emocionais. Sentimento puro, deseja intensamente a felicidade. É sensível e procura um ambiente que lhe proporcione um equilíbrio entre segurança emocional e satisfação, sendo que a passagem de um estado ao outro é extremamente dolorosa. Busca uma harmonia íntima, mas sente profundamente a impermanência de seus estados, ao mesmo tempo que, não abdicando de pequenas satisfações, se torna mais instável ainda. Desejo de uma ligação emocional profunda. A questão é a impermanência da felicidade, ora o objeto desejado pode ser gratificante, ora pode ser frustrante. Ao contrário de Marte na IV, em que gratificação e frustração tendem a se fundir num só complexo, tornando dolorosa a própria satisfação, Lua na IV é alternância, sem fusão dos dois momentos.

Síntese

Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação a gratificação e frustração dos desejos.

Exemplos

Johan W. von Goethe, Wolfgang A. Mozart, Honoré de Balzac, Franz Liszt, Emile Zola, Woodrow Wilson, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir.

Casa V

Representa em todos os casos o conhecimento que o indivíduo tem de todas as suas possibilidades de ação pessoal num determinado momento. Este domínio é estreito ou amplo em cada situação. É o que se sabe ou não se sabe, de fato, do que se pode ou não se pode fazer a cada momento. É o domínio das situações que se pode conquistar ou perder. É a consciência do poder pessoal inerente ao indivíduo.

Sol

Inteligência Intuitiva Tática

O indivíduo presta mais atenção ou capta mais facilmente as situações onde haja oportunidade de demonstrar suas capacidades; em outras situações, ele pode criar artificialmente um enfoque desafiador, e assim retomar a atenção. Pode se envolver em situações que não o interessam de forma alguma, só para treinar, praticar suas capacidades.

O Sol na Casa V permite uma capacidade de se desenvolver sozinho, de aprender sozinho, portanto este indivíduo pode achar que os outros têm a mesma capacidade ou, ao perceber que não é assim, pode se considerar um indivíduo excepcional, predestinado.

Ele conhece os talentos que tem e os que não tem. Sua ação é auto-centrada na consciência de suas capacidades. "Eu posso e vou fazer". Não sabe assistir apenas, tem de ser o centro agente, expressando uma capacidade auto-consciente. Isto não significa que ele tenha amor à competição; goste ou não dela, este indivíduo irá encarar tudo como competição. O mundo para ele é um campo de jogos onde, a cada momento, sua capacidade é solicitada a se mostrar. Sem desafios, sua inteligência se apaga. As palavras decisivas são vitória e derrota.

Prende-se à realidade da experiência momentânea e não em padrões pré-existent, responde aos desafios na hora em que estes acontecem. Aproveita cada momento e se adequa a cada situação.

Síntese

Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade os desafios à sua capacidade.

Exemplos

Leonardo da Vinci, Wolfgang A. Mozart, William Blake, Giuseppe Verdi, Theodore Roosevelt, Henri Matisse, Maurice Ravel, Richard Nixon.

Saturno

O que é visto como insubstancial para o sujeito é ele mesmo enquanto autor dos seus atos. Pergunta se é ele quem domina as situações, ou se é dominado por elas; quer saber qual é o segredo para ser vitorioso sobre as situações da vida em todas as áreas onde se sinta desafiado e tenha que competir. A necessidade de auto-afirmação, de tirar uma dúvida sobre si enquanto criador de seus atos, é o que motiva seu desejo de se impor sobre as circunstâncias. Com isso, tão logo realiza uma coisa, imediatamente a desvaloriza, por perceber que a fez por auto-afirmação, não sendo então criador mas uma vítima insegura e cheia de dúvidas sobre si mesma. Sua dúvida não é sobre o "eu", mas sobre o "eu que se expressa em atos".

Com esta posição a pessoa gosta de "jogos de mentira", que são resolvidos num plano puramente lógico e sem riscos verdadeiros. O enfoque das situações de oportunidade, de

derrota e vitória, é intelectual, portanto indireto e através de esquemas. Quanto menos real e viva for a situação do jogo, melhor. Compara suas capacidades atuais com um padrão ideal pré-estabelecido por ele mesmo. Tem um esquema ideal abstrato (separado do esquema habitual da experiência), que marca um padrão que é inatingível por definição. Questiona e estranha a exposição da sua própria capacidade. Quer saber logo as regras do jogo e o esquema de ações. Teme a impotência, a derrota. A questão é: qual o segredo que torna o sujeito hábil e dominador numa determinada situação, por que uns vencem e outros perdem?

Num desenvolvimento ideal, o indivíduo adquiriria um conhecimento técnico refletido em todas as áreas que lhe interessam, construindo para si uma performance razoável nessas habilidades, e fundando nisto a sua auto-estima. O conhecimento técnico inclui todas as situações possíveis, dentro de certa área, e o ideal seria o indivíduo adquirir um conhecimento suplementar até para ensinar. O importante é que nunca seja desafiado para algo que não conheça, pois não sabe improvisar, necessitando de muito preparo. É característico do desenvolvimento não ideal desta posição, o sentimento de incapacidade e inveja (oposição entre a sua própria capacidade e a de outro).

Seu esquema adaptativo pode ser: especializar-se numa determinada habilidade, protegendo-se de qualquer possibilidade de fracasso; adotar uma imagem de incapaz, delegando aos outros qualquer coisa que o desafie a expressar alguma habilidade ou competir compulsivamente (nunca se certificando se a vitória depende dele próprio ou do fracasso casual dos adversários).

Aporia

Impossibilidade de constatar a própria competência independentemente dos seus atos, e ao mesmo tempo, não se reconhece totalmente como autor deles.

Não posso vencer sem conhecimento. Mas o conhecimento é recebido de fora. Logo, se venci graças ao conhecimento, não fui eu que venci. Logo, quem ganha, perde.

Síntese

É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que denote um desafio às suas capacidades.

Exemplos

Wolfgang A. Mozart, Franz Liszt, Thomas Hardy, Henri Matisse, Winston Churchill, Georges Bernanos.

Júpiter

Confia na própria capacidade. É o criador de oportunidades. Onde não existe oportunidade, o indivíduo cria alguma. Suas derrotas não o deixam abatido, pelo contrário, sente-se desafiado e aposta mais alto ainda, pois não tem medo de perder, de fracassar. O senso da autoconfiança é aumentado pelas situações que o desafiem a mostrar sua capacidade para si ou para os outros, o que traz uma auto-satisfação ativa (em contraste com a auto-satisfação passiva, que se refere à Casa IV).

Síntese

Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos qualquer desafio à sua capacidade.

Exemplos

William Blake, Arthur Koestle.

Marte

Reatividade em relação aos desafios. Ser jogador, provar que é capaz. O indivíduo reage às provocações ou desafios à demonstração de suas habilidades, sua performance numa situação presente. Isso pode incluir situações de jogo ou qualquer mostra de destreza. Qualquer situação que apele à sua auto-afirmação através de capacidades que possua.

O modo como reage pode ser aceitando rapidamente qualquer desafio e livrando-se logo de tal situação, para que a sua autoconfiança não seja abalada; provocando os outros para afastar de si próprio tais provocações; fugindo das situações onde tenha que demonstrar alguma habilidade específica; criando ele mesmo situações desafiadoras porque a ausência de oportunidade para mostrar-se capaz o torna inseguro.

Síntese

Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que denote um desafio às suas capacidades.

Exemplos

Franz Liszt, Charles Dickens, Edouard Manet, Woodrow Wilson, F. Scott Fitzgerald.

Vênus

Guarda na memória as situações gratificantes do seu desempenho, seus momentos de vitória. Enxerga cor-de-rosa as situações de desafio e considera que irá vencê-las sempre, idealizando seu próprio desempenho. Capacidade de improviso imaginativo. Se auto-satisfaz criando imagens de vitória, sem que necessariamente atue nas situações. Imaginação harmônica das situações de desafio à sua capacidade.

Se muito deprimido torna-se incapaz de enxergar qualquer atrativo numa perspectiva de luta e vitória; torna-se indiferente às suas próprias capacidades.

Síntese

Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante os desafios à sua capacidade.

Exemplos

Charles Dickens, Woodrow Wilson, Franklin Roosevelt, Walt Disney.

Lua

Valoriza as situações de desafio porque acha que é nelas que vai encontrar felicidade. Deseja a vitória e sente prazer no ato de conquistar as coisas. O estado emocional determina sua capacidade de enfrentar os desafios e vice-versa. Está feliz ou infeliz conforme o próprio desempenho, e ao mesmo tempo o desempenho depende de o indivíduo estar feliz ou infeliz. Alternadamente pode se sentir muito capaz ou muito incapaz, independentemente dos motivos objetivos, de modo que a demonstração efetiva da capacidade depende de haver uma coincidência entre a oportunidade externa, a capacidade real e a motivação subjetiva.

Síntese

Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação qualquer fato ou situação que interprete como um desafio à sua capacidade.

CASA V

Exemplos

Hans C. Andersen, Paul Cézanne, Auguste Rodin, Kaiser Guilherme II, Henri Matisse, Maurice Ravel, Pablo Picasso, Maurice Chevalier, Ernest Hemingway, André Malraux, Mário F. dos Santos.

Casa VI

Refere-se à integração do indivíduo no meio circundante, tomado como um todo. É a relação entre os recursos totais e organizados do indivíduo e o conjunto das exigências que lhe pesam desde fora. Pode ser descrita como "rendimento" no sentido que o termo tem em Física. Também pode ser imaginada como um paralelogramo de forças, ou como equilíbrio ecológico, ou como balanço contábil. Reflete a elaboração de um sistema que torne a vida funcional para o indivíduo, organizando cada parte do sistema de maneira a facilitar o funcionamento do todo, inserido, por sua vez, numa totalidade ambiente. É a relação entre corpo e mundo, parte e todo, órgão e organismo, micro e macro.

Sol

Inteligência Intuitiva Orgânica

Enxerga-se facilmente como um todo, um sistema, um microcosmo, e avalia também facilmente a produtividade deste sistema (relação entre energia e resultado)

Sua inteligência funciona enquanto tem a visão completa das suas relações com o meio externo e interno, conhecendo sua estrutura e organização. Para poder ter controle de tudo o que se passa com ele tenta cortar os vínculos do microcosmo, que focaliza, com todos os fatores acidentais, pois os dados que não se encaixam facilmente num sentido de totalidade orgânica apagam sua inteligência. Tende a compreender tudo de forma orgânica, como parte de um sistema que funciona harmonicamente.

Cria uma regra dentro do conjunto, dentro da organicidade. Não vê seus atos isolados. Senso de adaptação instintiva. Sentido de eficácia e funcionalidade.

Síntese

Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade o seu encaixe no sistema das exigências circundantes imediatas.

Exemplos

Frédéric Chopin, Edouard Manet, Edgar Degas, Hermann Keyserling, Franklin D. Roosevelt, Charles Chaplin.

Saturno

Diante de qualquer dado da realidade, ou das suas próprias ações, o indivíduo se pergunta: Qual é a ordem imanente a isto? Qual é o sistema no qual isto se encaixa? Se não tem um código, não consegue compreender nem agir.

Da mesma forma, se falta uma parte já não entende o todo. É difícil lidar com a acidentalidade, pois o acidente lhe parece um fragmento que ele não consegue reinserir no conjunto. Só consegue compreender o todo em função das partes, e as partes em função do todo, formando um sistema fechado. Não suporta "non sense", o que é disforme, o inorgânico.

Isto pode gerar problemas em todas as áreas, na maneira como mapeia o sistema de sua vida com o qual ele se encaixa e se dirige em qualquer direção. Por exemplo, pode gerar uma dificuldade um tanto artificial e histeriforme de coordenação motora, querendo compreender como as partes do corpo se movem, colocando sua atenção no movimento ao mesmo tempo que o desdobra mentalmente em partes, impossibilitando a síntese que é a própria execução do movimento (aporia de Zenão).

Da mesma forma, a aprendizagem de certas disciplinas pode ser quase impossível se a pessoa não souber onde aquilo vai chegar, com que todo aquilo se relaciona.

A pessoa tem uma exigência de sistematização que nem sempre a prática pode atender. Tem um senso de economia de tempo e energia que pode, no entanto, levá-la a desistir de qualquer organização, pois elabora sistemas que na prática se revelam inviáveis, pois são de índole analítica e caem na subdivisão interminável, impedindo o salto qualitativo para a ação.

Tendência ao esforço físico para dar conta do problema, porque não percebe que o problema é mais sutil e intelectual. Busca a perfeição do sistema. Dá impressão ao mesmo tempo de grande eficiência e total inaptidão. Teme o caos, a desordem (quanto mais tenta ordenar, maior é a impressão de caos).

Num desenvolvimento ideal o indivíduo colocará as questões da relação entre parte e todo a nível filosófico, e não puramente pessoal, compreenderá que há uma fluidez no universo entre o caos e o cosmos, e que é impossível construir sistemas fechados, impermeáveis à accidentalidade.

Seu esquema adaptativo pode ser: organizar para si um sistema fechado de vida, com critério e ordem inquestionáveis (para não pensar mais sobre isso), apegando-se aos seus hábitos e excluindo qualquer accidentalidade; abandonar-se ao caos, desistindo de organizar sua vida, suas coisas e atos num sistema inteligível ou delegar a outra pessoa de seu convívio a função de organizar a sua própria vida, excluindo-se disso.

Aporia

É o todo que determina as partes, ou são as partes que determinam o todo? Se as partes só adquirem realidade no todo, o todo nada pode ser, já que se compõe de partes que em si mesmas não são nada.

Se a ação só pode ser eficiente quando baseada numa visão do todo e, por outro lado, toda a ação é desinteressar-se da visão do todo para mergulhar num fluxo particular de causa e efeito, é impossível controlar a eficiência da ação em curso. Logo, toda ação é ineficiente. Entre teoria e prática existe um abismo intransponível, pois não existe intermediário entre o geral e o particular. O coeficiente de irracionalidade e aposta que existe em toda ação introduz hiatos no sistema do mundo; mas como agir sem a expectativa de uma resposta sistêmica?

Síntese

É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que afete seu encaixe no sistema das exigências circundantes imediatas.

Exemplos

Gustave Flaubert, Thomas Mann, Henry Miller.

Júpiter

Acredita piamente na própria capacidade de resolver qualquer problema prático que se apresente, com eficiência e rapidez. Resolve rapidamente qualquer situação de organização de vida, não chegando nem a sentir o problema. É como se o indivíduo fosse mais rápido que o problema. O problema não consegue prendê-lo, pois ele já acha logo uma saída, impondo-se sobre a situação. Como não chega a tensionar com o problema, buscando espontaneamente a

solução, as pessoas a quem ele pede auxílio encontram prazer em ajudá-lo, mas, por outro lado, como parece muito auto-suficiente, as pessoas não chegam a acreditar realmente que ele necessita desta ajuda. Cria sua própria ordem.

Síntese

Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos seu encaixe no sistema das exigências circundantes imediatas.

Exemplos

George Washington, Gustave Flaubert, Júlio Verne, Vincent Van Gogh, Mia Farrow.

Marte

Reage a tudo que possa desestabilizar a ordem estabelecida para si mesmo, o esquema de funcionamento de sua vida e rotina. Algo que saia para fora do lugar estabelecido, ou algo que falte, para o sistema concebido por ele ficar completo. Luta contra uma desorganização, mas com isso pode desorganizar outras situações. A própria velocidade com que interfere para vencer a desorganização gera mais desorganização, principalmente porque o indivíduo ataca com todas as suas forças o detalhe que o incomoda no momento, sem ter em vista o desarranjo muito mais vasto que sua interferência pode causar.

Age rapidamente para restabelecer a ordem concebida, na ilusão de não se preocupar mais com isso. Quer tudo funcionando, mas não quer questionar, pensar sobre esse funcionamento, motivo pelo qual seu senso de funcionalidade é imediatista e, no fundo, desorganizador. Pode também se encher de regras, para si e para os outros, no sentido de tornar tudo extremamente funcional, para não ser incomodado por nenhum dado fora desse sistema, que, no entanto, está pronto a abandonar à mais leve provocação.

Síntese

Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete seu encaixe no sistema das exigências circundantes imediatas.

Exemplos

Immanuel Kant, Karl Marx, Júlio Verne, Henri Matisse, Marcel Proust, Hermann Keyserling, Judy Garland.

Vênus

Imagina-se totalmente adaptado ao ambiente imediato (a maneira como dispense a energia de tempo, como percebe seu próprio ritmo, seu encaixe no sistema do mundo, e portanto sua funcionalidade), vendo-se como parte de uma organização perfeita e funcional e se auto-satisfazendo com isto. Guarda na memória as vivências positivas do seu encaixe no mundo. Completa harmoniosamente todas as formas, embelezando a vida, o cotidiano. Imaginação harmônica da sua organicidade.

Se muito deprimido, ou imaginará um total desencontro entre suas aspirações e o meio-ambiente físico imediato, ou procurará um ambiente que seja deprimente, encontrando em algum tipo de humilhação ou incomodidade a "prova" de que sua tristeza tem razão de ser. A imaginação é uma faculdade produtiva, cuja ação nunca é sem consequências na esfera da vida real: daí a facilidade de produzir, por ela, profecias auto-realizáveis; o indivíduo que está deprimido por qualquer razão, imaginará, caso tenha Vênus na VI, que seus padecimentos provêm da Casa VI (encaixe funcional no ambiente imediato); e, para provar a si mesmo que tem razão, destruirá esse encaixe, com o que criará motivos reais para estar deprimido; e assim por diante num círculo vicioso.

Síntese

Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante seu encaixe no sistema das exigências circundantes imediatas.

Exemplos

Leonardo da Vinci, Wolfgang A. Mozart, William Blake, Frédéric Chopin, Giuseppe Verdi, Theodore Roosevelt, Kaiser Guilherme II, Marcel Proust, Carl G. Jung, Hermann Keyserling, Graciliano Ramos, Richard Nixon.

Lua

Valoriza a organicidade dos sistemas que o cercam no dia a dia, buscando um tipo de organização de vida que lhe traga felicidade. É sensível às mudanças que alteram a rotina diária, porque necessita sentir-se integrado aos esquemas já existentes, sem despende nenhum esforço. O sentimento de desencaixe o deixa angustiado. A saúde varia com o humor. Existe aqui uma identificação entre a funcionalidade orgânica e econômica e a felicidade em sentido pleno; identificação que ora é real, ora é falsa: ora o indivíduo se encontra feliz porque tudo funciona bem, ora produz sua própria infelicidade ao agir como se o mero bom funcionamento bastasse para criar felicidade; ou, pior ainda, como se qualquer necessidade superior e mais complexa devesse ser desprezada em nome da funcionalidade. A idealização da funcionalidade tanto pode criar uma felicidade da vida simples como simplificar mecanicamente a imagem da felicidade, criando uma expectativa falsa, que se manifesta na proliferação de pequenas necessidades jamais satisfeitas.

Síntese

Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação qualquer situação que afete seu encaixe no sistema das exigências circundantes imediatas.

Exemplos

Sta. Teresa de Ávila, Júlio Verne, Mark Twain, Vincent Van Gogh, Albert Einstein, Hermann Keyserling, Charles de Gaulle, Richard Nixon, Albert Camus, Judy Garland.

Casa VII

Refere-se a apreensão do eu através da relação com o outro, tudo que o indivíduo sabe de si a pretexto de um outro indivíduo. Esta Casa é toda projetiva e o outro é a referência. É por onde se conhece o especificamente idêntico e numericamente diferente. É o conjunto das relações e sobretudo das expectativas bilaterais: como espero determinada resposta, ajo de determinada maneira, mas ao mesmo tempo minha maneira de agir fundamenta a expectativa de resposta. É o conhecimento por espelhismo, a definição mútua dos papéis, com toda a constelação de expectativas, direitos e deveres supostos.

Sol

Inteligência Intuitiva Eletiva

A primeira coisa que o indivíduo intui é o outro e intui a si próprio enquanto um dado colocado por outra pessoa. Se não tem a referência a um outro não sabe como agir por ficar sem informação, se não há confronto não enxerga a situação. A operação de comparação entre o sujeito e os outros é instantânea, natural e não problematizada; captando intuitivamente o sistema de proporções entre o seu comportamento e o do outro e agindo em função de tal captação, adaptando-se, seguindo as regras de convivência que percebe intuitivamente (compreensão da bilateralidade no relacionamento humano). Porém, é uma captação momentânea, não tira conclusões e não influencia outros momentos. A informação comparativa entre o eu e o outro resulta no dado bilateral que tem como única finalidade sua adequação à situação particular.

Para este indivíduo, perceber algo é perceber que as coisas têm ambigüidade. Para se definir diante de uma situação é necessário uma proposta de ação à qual ele possa dizer sim ou não. Sua inteligência exige uma escolha, uma preferência. Se deixada a si mesma, não tem partido algum a tomar. O que é real para ele é a opção que tem a tomar. Entretanto toma partido superficialmente porque sua atitude é momentânea e plástica. Percebe os contrastes ou os fabrica para poder intuir.

Geralmente apresenta uma desenvoltura harmônica com o ambiente onde está, pois faz parte da sua natureza perceber se está agradando ou não e tomar atitudes adaptativas conforme um desejo autoconsciente de agradar ou desagradar.

Percebe as pessoas representando vários papéis, e trata de se adaptar a tais papéis momentaneamente, seguindo as regras do jogo ou violando-as conscientemente. Sempre sabe se é um adepto ou um adversário.

Síntese

Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade as relações de expectativa bilateral.

Exemplos

Carl G. Jung, Herman Hesse, Adolf Hitler, André Malraux, Tyrone Power.

Saturno

O indivíduo focaliza sua atenção no outro, e constata perplexo que cada pessoa o vê de forma diferente. Os outros funcionam para este indivíduo como um espelho e com tantas imagens fica difícil obter uma imagem coerente de si mesmo. Ao contrário do indivíduo com Sol na VII, que se adapta instantaneamente pró ou contra a imagem que os outros fazem dele, a pessoa de

Saturno na VII compara incessantemente as muitas imagens obtidas ao longo da vida, tentando uma síntese, a qual é inevitavelmente problemática, o que dificulta as tomadas de posição momentâneas.

Os outros são vistos como reais e o indivíduo mesmo se sente insubstancial, escorregadio. Em tudo o que faz se sente observado por espectadores (reais ou imaginários) e procura corresponder às diferentes expectativas deles. Tenta desesperadamente julgar a conduta alheia para referenciar a sua própria. Cada vez que compara seu comportamento ao do outro (ou o de um indivíduo ao de outro), quer extrair uma regra para explicar seus comportamentos passados, e preparar os futuros, na tentativa de criar um código moral e jurídico para si mesmo. Desta forma, o indivíduo, tentando controlar os papéis que vivência, se sente tão insubstancial na tentativa de agradar a todos, que se torna vulnerável a que os outros o transformem no que queiram, "grudando" nele a máscara que desejarem.

Só consegue entender o outro por um esforço imaginativo, que tem de ser aprendido. Pode imaginar o outro completamente diferente do que é, portanto pode inventar uma constelação de seres ideais, criando um esquema de comportamentos que espera das outras pessoas, e que usa como padrão de julgamento. Este indivíduo quer uma regra, um esquema para saber se a resposta do outro é coerente e de acordo com a expectativa dele.

Tem sempre a impressão de não saber perfeitamente quem é o outro com quem está convivendo. Pode tratá-lo sempre do mesmo jeito mas com intenções diferentes ou de diferentes maneiras mas com a mesma intenção. Cada situação de bilateralidade é vivida como amostra de regra geral para que possa avaliar o comportamento anterior e projetar o futuro comportamento. Na relação, confiar e desconfiar é sempre um processo desconfortável porque há rigidez na avaliação do comportamento anterior. Qualquer falha do outro é motivo de desconfiança, admitida conscientemente ou não. Tudo o que eu sei do outro é o que o outro não sabe e o que o outro sabe de mim é o que eu não vejo... Há uma rigidez tanto no exigir e cobrar quanto, alternadamente, numa benevolência sem critério no julgamento do outro. Não seleciona as pessoas com quem convive. Acha que é possível encontrar nos outros um espelho fixo de si mesmo, para coerir sua própria imagem.

Colocando a questão do auto-conhecimento através do outro num nível não existencial, mas cognitivo, o indivíduo verá que é impossível ter uma visão coerente de si mesmo a partir apenas da forma como é visto e tratado pelas outras pessoas, pois não há uniformidade na conduta alheia; não há portanto um espelho estável de si mesmo no outro. Não estando seguro de nenhum padrão de lealdade, não consegue saber se ele próprio é leal ou não, nem se os outros são ou não traidores. Agindo por tentativa e erro, certamente erra, pelo menos até que a experiência lhe permita consolidar certas conclusões gerais válidas.

Seu esquema adaptativo pode ser: inventar uma lei abstrata ou adotar uma conduta padrão, em termos de como deve agir e do que esperar dos outros, fixando-se a ela; não esperar nada dos outros, abstendo-se de julgá-los e aceitando o que vier; criar um esquema seletivo de imagens dos outros.

Aporia

Se cada "outro" me vê como uma forma diferente, eu então não sou nada? Serei apenas um conjunto de imagens?

Síntese

É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer

informação que afete uma expectativa bilateral.

Exemplos

Louis Pasteur, Benito Mussolini, Graciliano Ramos.

Júpiter

A vontade e o livre-arbítrio do indivíduo exercem-se no relacionamento com o outro. Sente-se tranquilo e confiante em relação à sua capacidade de moldar os relacionamentos à vontade, estabelecendo padrões de julgamento bilateral aceitáveis por ambas as partes e no entanto favoráveis, no fim, aos seus intuítos pessoais. Dito de outro modo, sente poder harmonizar interesse e direito. Por isto, pode transmitir como imagem de pessoa confiável e bom conselheiro, do mesmo modo que acredita, e não sem fundamento, poder ter confiança nos outros e encontrar entre eles bons conselheiros. Tem uma arte peculiar de ser fiel aos compromissos e manter-se livre deles ao mesmo tempo.

Possui uma extrema plasticidade nas situações ambíguas, sentindo-se a vontade para se posicionar de um lado ou de outro, conforme a sua decisão, sem se dobrar a pressões externas, ou para mudar livremente o quadro das alternativas propostas. Quer sempre colocar-se acima das circunstâncias interpessoais e simplesmente confiar no seu julgamento a respeito das relações e na lealdade dos amigos. Provavelmente terá poder de persuasão, impondo sua vontade sobre a do outro de uma forma que parecerá atender exatamente às solicitações do outro.

Síntese

Age como se tivesse o poder de criar expectativas bilaterais favoráveis a seus propósitos.

Exemplos

Edouard Manet, Woodrow Wilson, Mohandas K. Gandhi, F. Scott Fitzgerald, Jean-Paul Sartre, Marilyn Monroe.

Marte

Reage imediatamente a qualquer interferência real ou suposta dos outros em relação a ele. Ao perceber um mínimo sinal de hostilidade ou oposição, quer definir logo quem está com quem. Já se declara partidário ou inimigo. Esta reação, evidentemente, pode ser mais ou menos visível conforme o temperamento; o que é característico é a quase total incapacidade para permanecer sinceramente neutro ou indiferente (exceto, é claro, nos casos que não perceba lhe dizerem respeito). Diante de qualquer ameaça de interferência, reage antes do fato consumado para não prolongar o sofrimento da espera e da indefinição. Nem por isso guarda rancor, e no dia seguinte pode tratar como amigo aquele a quem se declarou inimigo. A relação com o outro é sempre intensa e cheia de contrastes.

Síntese

Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete uma expectativa bilateral.

Exemplos

George Washington, Auguste Comte, H. Toulouse-Lautrec, Benito Mussolini, Charles Chaplin, Adolf Hitler, Henry Miller, Mário F. dos Santos.

Vênus

Guarda na memória as situações favoráveis de relacionamentos bilaterais. Imagina as pessoas melhores do que são, idealizando-as, e se torna mais simpático por isso. Equipara o outro a si mesmo. Projeta uma imagem de beleza em seus relacionamentos, se auto-satisfazendo com isto, e só levando em consideração a situação real quando esta não desmente suas expectativas.

A imagem ideal de beleza e harmonia projeta-se sob a forma de rostos humanos e presenças humanas. Daí a necessidade de imaginar as pessoas sob uma ótica favorável. Quando muito deprimido, porém, este indivíduo encontra uma quase impossibilidade de lançar sobre os outros essa luz favorável; sua escuridão interior se projeta sobre os rostos dos demais, e a visão de um ambiente humano triste e deprimente surge como a confirmação dos motivos de sua tristeza; só que, como sempre acontece com as posições de Vênus, essa mera confirmação projetiva é tomada como causa e explicação. Em vez de reconhecer que já não consegue admirar os outros porque está deprimido, o indivíduo dirá que está deprimido porque as pessoas em torno são feias e sem graça.

Síntese

Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante todas as situações que envolvam expectativa bilateral.

Exemplos

Franz Schubert, Edgar Degas, Henri Matisse, Bertrand Russell, Charles Chaplin, Adolf Hitler, Jean-Paul Sartre, Arthur Koestler.

Lua

Valoriza o outro, esperando que este lhe satisfaça os desejos. Por ser profundamente alterado pelo que os outros fazem, seu estado emocional flutua de acordo com o humor do parceiro. Deseja ser adivinhado, compreendido, aceito e gostado. Como o outro é, para ele, a fonte imediata de sua alegria ou tristeza, ele se vê funcionalmente impedido de constituir em torno de si a carapaça de impessoalidade e frieza que muitas situações exigem; pois a mera necessidade de ocultar-se por trás de uma carapaça o torna muito infeliz, na medida em que bloqueia o intercâmbio de sentimentos. Por isto, a decepção ou a inimizade aberta podem lhe parecer até mesmo preferíveis à segurança de um relacionamento mais distante e impessoal. Sendo hipersensível à gratificação ou frustração provenientes dos outros, tende a imaginar que estes também o são, e que dele esperam tanto quanto ele espera deles; motivo pelo qual pode desgastar-se em solicitudes descabidas e meramente projetivas, sentindo-se, ao mesmo tempo, frustrado pela falta de retribuição. Absorve os espaços afetivos dos outros e por isso perde o senso do limite nas relações.

Síntese

Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação qualquer expectativa bilateral.

Exemplos

Benito Mussolini, Henry Miller, Marilyn Monroe.

Casa VIII

Refere-se ao potencial de ação do indivíduo num momento presente, numa situação que requeira a ação do sujeito através de uma decisão imediata, de emergência. É um potencial de estimativa e conjectura. Ao contrário da Casa II, que se refere à percepção do dado, do fato consumado, como numa tela exposta, a Casa VIII é antecipação, é conhecimento estimativo e quase premonitório do potencial imediato contido na situação. Não confundir com Casa XI, que é antecipação de meras possibilidades, e portanto escolha e plano de futuro. A Casa VIII não implica nenhuma escolha livre, mas apenas uma decisão imediata, praticamente forçada pela percepção súbita de uma mudança iminente.

Sol

Inteligência Intuitiva Inquisitiva

Percebe facilmente as tensões latentes numa situação presente, isto é, sua atenção dirige-se naturalmente para a tensão oculta das coisas. Intui possibilidades de ação imediatas. A inteligência é centrada numa espécie de pressentimento do momento, do que pode acontecer, dos fatores que podem alterar o quadro repentinamente. A situação de emergência ou de urgência faz com que enxergue melhor, o medo é um estimulante. Por outro lado, pode desligar-se ou agir com pouco sentido em situações que não lhe solicitem nada de imediato. Situações estáveis e rotineiras, negando estímulo à sua inteligência, tenderiam ou a embotá-la ou a convidá-la a enxergar o que não existe; pode ser que ainda o indivíduo, não enxergando um potencial imediato de mudança, tenha de criá-lo ele mesmo, só para poder enxergar melhor. Visualiza a situação e sente-se mais confortável quando confirma seu pressentimento. É uma inteligência que funciona espasmodicamente, oscilando entre um repouso quase anestésico e a irrupção súbita e um fluxo vertiginoso de intuições muito precisas.

Síntese

Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade as causas de mudança iminente do estado de coisas.

Exemplos

P. Charles Baudelaire, Kaiser Guilherme II, Bertrand Russell, Graciliano Ramos, F. Scott Fitzgerald, Jean-Paul Sartre, Arthur Koestler, John F. Kennedy.

Saturno

A perspectiva de mudanças iminentes suscita neste indivíduo toda a sorte de interrogações que visam a enquadrar esta situação particular numa regra geral que seria válida para todos os casos similares. Dito de outro modo, o impulso generalizante da razão é acionado pelas situações de emergência, que são vistas como incongruentes e problemáticas sempre que não possam ser reduzidas a meros exemplos de uma regra geral já conhecida. Como é muito improvável que alguém já conheça de antemão todos os tipos de situações de emergência em que poderá envolver-se - exceto dentro de algum âmbito particular a que esteja habituado, como por exemplo, no âmbito da sua profissão -, é quase certo que na maior parte dessas situações o indivíduo se verá assoberbado por uma multidão de perguntas sem resposta e, logo, por uma indecisão paralisante. Rejeita criticamente estas situações e sente necessidade de ter regras, padrões de reação para todas as situações de emergência, buscando uma garantia permanente contra todos os imprevistos. Como essa garantia não existe, surge um sentimento de impotência, de que não é possível desencadear efeitos significativos sobre as situações. Mesmo que faça algo não consegue reconhecer o efeito. Nada do que faça lhe parece ter a mínima consequência. Tem medo do imprevisto. Quer chegar a um domínio

racional das coisas, controlar o conjunto das causas eficientes; como não consegue, lhe parece que todas as coisas acontecem pela sua falta de interferência ou por sua ação falha, o que pode criar nele, em reação, uma verdadeira compulsão de interferir, e ao mesmo tempo, uma dificuldade maior ainda de fazê-lo com eficiência e adequação.

Tudo o que capta sensorialmente só é compreendido pela antecipação da experiência, os sentidos dão um pedaço da história e a antecipação dá o resto. O mundo deixa de ser visto como uma coleção de coisas e passa a ser visto como uma coleção de latências e possibilidades que se renovam a cada ação de momento, mas, ao contrário do indivíduo com Sol na VIII, Saturno na VIII deseja limitar e enquadrar essas latências num quadro finito. Busca a ação perfeita e segura, definitiva, e por isso está sempre indeciso. É comum a experiência de pânico, de medo que paralisa, nos momentos decisivos. Tende a ficar sempre se preparando para alguma situação de emergência possível.

Num desenvolvimento ideal, este indivíduo colocaria a questão num ponto de vista filosófico até corrigir a ilusão de segurança absoluta para agir. Poderia transcender tal problemática desenvolvendo sua capacidade de investigação, procurando descobrir as causas eficientes dos acontecimentos a longo prazo.

Seu esquema adaptativo pode ser: demarcar um setor no qual crie um sistema de previdência, preparando-se para um certo tipo de emergência, sendo desta forma muito mais eficiente nas situações para as quais se preparou ou então fugir ou se omitir de situações emergenciais.

Aporia

Qual seria o padrão racional para resolver imprevistos, se imprevistos, por definição, são situações que escapam ao que se pode prever?

Síntese

É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que se afete suas crenças estabelecidas.

Exemplos

Sta. Teresa de Ávila, William Blake, Giuseppe Verdi, P. Charles Baudelaire, Edgar Degas, Paul Gauguin, Guy de Maupassant, Tyrone Power.

Júpiter

Autoconfiança nas horas de perigo, nas grandes dificuldades, motivada pelo pressentimento de que, paradoxalmente, as exigências prementes da situação aumentam, em vez de diminuir, suas possibilidades de escolha. Não tem medo de situações de perigo, de crise, de precipitação de acontecimentos súbitos, pois confia ilimitadamente na sua liberdade de ação, da qual toma consciência mais aguda justamente nestas situações (permanecendo, relativamente, esquecido dela nas situações corriqueiras e "normais"). Por isso, não chega a se abalar com mudanças no rumo dos acontecimentos, na configuração da situação presente, e consegue manter um firme senso do seu poder. É mais eficiente nas situações de extrema gravidade do que nos acontecimentos da vida cotidiana.

O pressentimento da morte próxima surge como uma libertação de todos os entraves da vida cotidiana e, por isto, como um acréscimo da potência pessoal. A disposição de aceitar a morte acaba funcionando como um instrumento de salvação nas piores horas.

Síntese

Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos as mudanças iminentes do estado de coisas.

Exemplos

Frédéric Chopin, Charles Dickens, P. Charles Baudelaire, Louis Pasteur, Oscar Wilde, André Gide, Carl G. Jung, Leon Trotsky, Benito Mussolini, John F. Kennedy.

Marte

Reatividade pura: percepção fácil e respostas prontas às situações de emergência, de perigo, de dificuldade, e ao mesmo tempo uma extrema suscetibilidade a estas questões. Precipita a situação antes que ela aconteça.

Reage imediatamente fugindo ou enfrentado a situação. O importante é não ficar como está, não prolongar a tensão, o perigo. Pode tornar-se providente para perigos iminentes. Por não querer correr risco algum fica sempre alerta; fareja crises, pressente mudanças. Em geral é irrequieto.

Síntese

Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que anuncie uma mudança iminente do estado de coisas.

Exemplos

Hans C. Andersen, Abraham Lincoln, Frédéric Chopin, P. Charles Baudelaire, Auguste Rodin, Pierre A. Renoir, Theodore Roosevelt, Bertrand Russell, Albert Einstein, André Malraux, John F. Kennedy, Marilyn Monroe.

Vênus

Completa imaginativamente as transições e mudanças, suavizando-as e se auto-satisfazendo com isto. Projeta uma imagem idealizada das situações que estão por acontecer, prevendo-as desta forma.

A função principal da imaginação é completar num quadro harmonioso os dados fragmentários da experiência. É pela imaginação que estes adquirem um lugar e um sentido no conjunto. Vênus na VIII indica que as mudanças iminentes, por mais imprevistas e "irracionais" que se anunciem, já aparecem como felizes complementações; em vez de romperem a unidade de um quadro estabelecido, fornecerão, ao contrário, os elementos faltantes para completá-la: o que está para acontecer aparece sempre como "o que faltava para tudo ficar bem". É claro que esta expectativa é puramente subjetiva e independe do conteúdo real dos acontecimentos; é claro também que, nessas condições, a espera de um desenlace próximo, que pode ser angustiosa para muitas pessoas, aqui adquire uma aura de encanto e excitação. A associação da Casa VIII com o sexo vem através da noção de um acúmulo tensional que termina numa descarga. Trata-se de apenas um dos aspectos do sexo reconhecidos por Otto Weininger: o aspecto paroxismal, não o sexo como comunicação.

Em caso de depressão profunda, a expectativa da completude perverte-se numa atração pela descarga enquanto tal, numa busca do paroxismo e, logo, numa alternância de indiferença abúlica e excitação exacerbada.

Síntese

Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante qualquer mudança iminente do estado de coisas.

Exemplos

Ralph W. Emerson, P. Charles Baudelaire, Herman Hesse, Benito Mussolini, F. Scott Fitzgerald, Mário F. dos Santos, Tyrone Power.

Lua

Enfatiza a possibilidade de mudança iminente do estado de coisas, quer como valor positivo, quer como negativo. É vulnerável à captação da latência das coisas, que modifica seu estado interior. É movido por esta expectativa. Sente atração e temor pelo perigo. Tem avidez de mudar as coisas pela extrema necessidade de fazer algo para aliviar a tensão interna - não por sentimento do dever - e, em geral, a mudança obtida não responde à expectativa, porque, no fundo o que importava não era o conteúdo da mudança esperada, mas a manutenção do movimento. O pressentimento do que está para acontecer afeta continuamente o estado de ânimo do indivíduo. Estado de alerta, de atenção para o que vai acontecer. Há o desejo e o temor de que as coisas aconteçam, que se expressa, ora no esforço para precipitar um desenlace, ora para evitá-lo. Tende a amplificar qualquer sinal de perigo. É indefeso diante dos perigos imaginários, uma vez que, precisando deles como estímulo, no fundo não deseja se livrar deles. Vive numa espécie de equilíbrio instável entre o temor e a esperança, como se a continuidade do seu movimento vital dependesse de não se definir nem por um nem pelo outro e também de não repousar estaticamente num ponto intermediário.

Síntese

Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação qualquer informação que anuncie mudança iminente do estado de coisas.

Exemplos

Louis Pasteur.

Casa IX

Refere-se ao sistema de crenças do indivíduo, à captação de verdades gerais, de princípios, de certezas com as quais possa formar juízos sobre o mundo que o rodeia. É o objetivo e termo final do pensamento, aquilo que não precisa ser pensado ou questionado porque já é sabido. Cada pensamento nosso se assenta em juízos anteriormente pensados, e que não são recolocados em questão. A Casa IX é o arquivo do já sabido. Isto não quer dizer que estas crenças tenham de ser objetivamente verdadeiras, mas apenas que são tomadas pelo indivíduo como certas e inquestionáveis, pelo menos até segunda ordem.

Sol

Inteligência Intuitiva Afirmativa

O indivíduo enxerga naturalmente nas coisas uma verdade, extrai delas uma crença, e isto de uma maneira mais ou menos direta, reduzindo ao mínimo indispensável a intermediação do questionamento dialético. Apreender intuitivamente, crer e generalizar são compactados numa só operação instantânea. Toda a mediação dubitativa é rejeitada como mera perda de tempo ou como um adiamento covarde. Há uma grande propensão de saltar diretamente para as conclusões, evitando a investigação de aspectos problemáticos ou ambíguos. Daí uma espécie de contraste direto e bruto entre a verdade e o erro: ou capta diretamente a verdade num ato intuitivo, ou adere instantaneamente a uma falsidade. Daí também a dificuldade inicial de rever criticamente suas opiniões, sendo a operação de revisão substituída por mudanças em bloco: a crença querida é rejeitada no todo e sem mediações, em favor de uma outra. Tem, por isso, dificuldade em aprender a perspectiva de um outro indivíduo. Suas crenças são auto-referidas. As verdades intuídas vão sendo empilhadas num sistema de crenças e confirmam umas às outras. Busca a firmeza, a convicção. A certeza lhe é vitamínica. E, por isto, prefere à dúvida a negação pura e simples.

Tende, portanto, a perseverar no seu próprio discurso, pois mudanças contínuas e parciais na direção do pensamento - como as que são normais e habituais com o indivíduo com Sol na III - criam uma incerteza na qual sua intuição apaga. A parte fundamental do seu pensamento é a parte afirmativa; quer a conclusão, a verdade, a consolidação de um juízo. Se fizer polêmica é para impor a posição que já tem. Para poder intuir, precisa dar a si mesmo e aos outros uma impressão de certeza, embora isto não queira dizer que tenha realmente certeza. A certeza real só pode ser verificada através da segurança dos seus atos. Enquanto para o Sol na III o movimento do pensar, falar, narrar é tudo, para o Sol na IX este movimento é incômodo, pois é só um meio.

Síntese

Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade tudo quanto constitua motivo de certeza, de confirmação de suas crenças estabelecidas.

Exemplos

Franz Schubert, Ralph W. Emerson, Henry Ford, Marie Curie, Benito Mussolini, Henry Miller, Mário F. dos Santos.

Saturno

O indivíduo tenta encontrar verdades definitivas mas esbarra sempre na distância que há entre a verdade lógica, atemporal, e a busca da verdade pelo indivíduo, através do pensamento. Por isso, qualquer coisa que lhe proporcione um sentimento de certeza é imediatamente questionada, o que cria uma ambiguidade intolerável: quanto mais crê, mais duvida. Sente-se

inseguro quando crê e duvida das próprias crenças, porque tudo submete a uma crítica racional, ao mesmo tempo que a própria exigência de crítica racional lhe aparece como uma incomodidade dolorosa, que desejaria evitar mas não pode. Necessita de uma crença racional que possa resistir a qualquer crítica, mas não há outro meio de fortalecer a crença senão submetê-la continuamente ao teste da crítica, o que resulta, com desagradável frequência, em constatar sua irracionalidade.

Sente-se impelido a ter certezas, a sentenciar sobre qualquer coisa, pois só quer acreditar em coisas definitivas. Entretanto, se crê em algo como definitivo, não pode pensar sobre isso, questionar. Se questiona, fica repleto de contradições que não lhe permitem mais acreditar. Fica com medo de perder suas convicções, de submetê-las a uma prova dialética, discutindo-as com alguém ou pensando sobre elas, mas ao mesmo tempo a incerteza íntima o faz questioná-las o tempo todo. As contradições o paralisam cognitivamente, mas também são irresistíveis. Toda a crença fica relativizada pela razão, pois qualquer conclusão ou generalização lhe aparece como limitada em relação ao real. Ao mesmo tempo, quer a solução, a conclusão final para todas as questões.

Num desenvolvimento ideal este indivíduo colocaria a questão como um problema filosófico humano e não como um problema existencial seu, compreendendo que existem verdades absolutas imutáveis, atemporais, que podem ser intuídas e talvez até provadas, mas que, para poderem ser alcançadas pelo indivíduo têm de ser buscadas através de um processo de pensamento que é cheio de dúvidas e contradições, do processo psicológico que é frágil e contraditório e não é a verdade em si mesma. Só existe verdade na esfera do conteúdo eidético, não na da sua representação ocasional por este ou aquele indivíduo neste ou naquele momento em particular, a qual, sendo um fato psicológico, é instável e passageira.

Seu esquema adaptativo pode ser: agarrar-se a uma verdade provisória ou a um sistema de crenças que lhe permita repetir as mesmas verdades, sem pensar nelas (mas a dúvida aí é chutada para a esfera do inconsciente e vai se exteriorizar através de atos ambíguos que desmentem a univocidade aparente do discurso); permanecer inconclusivo, concordando com tudo o que aparece; ceticismo - não crer em nada (e neste caso é a necessidade de uma crença que é repelida para o inconsciente); pobreza filosófica, depressão intelectual: decréscimo patológico da tensão intelectual, para evitar conflitos intoleráveis.

Aporia

Uma verdade que, na esfera do conteúdo eidético, é eterna e imutável, tem de ser encontrada através de um pensamento que é fugaz e cambiante. Como encontrar a verdade da idéia através da mentira do pensamento. A verdade verdadeira é impensável, e tudo o que é pensável não é verdadeiro.

Outra formulação: A verdade está no ser; ora, não pensamos o ser, mas apenas signos. A verdade escapa, portanto, da esfera do pensamento: é a inatingível "coisa em si" kantiana.

Síntese

É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que se afete suas crenças estabelecidas.

Exemplos

Napoleão Bonaparte, Richard Wagner, Arthur Rimbaud, Marie Curie, Leon Trotsky, Franklin D. Roosevelt, F. Scott Fitzgerald, Richard Nixon.

Júpiter

Confia plenamente na sua capacidade de formar seu próprio juízo da realidade, de tirar conclusões a respeito das experiências que tem, de ver a verdade nas coisas. Tende a colocar-se como um juiz, como quem olha do alto para as situações e sentencia sobre elas. Faz questão de manter sua liberdade de julgamento em qualquer circunstância. Confia nos próprios valores.

O problema do hiato entre pensamento e verdade (Saturno na IX) é aqui contornado pela percepção instintiva de que a vontade é conhecida imediatamente, por intuição direta e sem signos; de que, portanto, o conhecimento da própria vontade é a raiz e garantia da veracidade das nossas crenças. Júpiter na IX acompanha a solução dada por Schopenhauer à impossibilidade do conhecimento da coisa em si (Saturno na IX): posso conhecer objetivamente minha própria vontade porque conhecê-la e criá-la é um só ato, independente de representação (signo). A autenticidade de minha vontade é o que sustenta minhas crenças, sem que eu necessite nem de uma percepção intuitiva da veracidade dos objetos de crença (Sol na IX), nem de uma prova lógica que resista a toda crítica (Saturno na IX).

Síntese

Age como se tivesse o poder de amoldar às suas crenças todas as informações.

Exemplos

Mark Twain, Bertrand Russell, Albert Einstein, Franklin D. Roosevelt, Simone de Beauvoir.

Marte

O indivíduo com esta posição sente-se ameaçado por qualquer coisa que possa abalar seus valores e crenças; por qualquer expressão de dúvida alheia em relação às coisas em que acredita. Enxerga em tudo um desafio às suas crenças e valores, e reage quer pela fuga à discussão, quer pela argumentação inflamada, quer por uma súbita mudança de opinião. Como, no entanto, suas crenças só se definem mais claramente diante da oposição, é normal que este indivíduo busque essa oposição que no entanto o aborrece. A oposição ajuda-o a afiar seus argumentos (expressos ou ocultos), mas arrisca-se também a derrubá-los: daí a possível alternância entre a persistência teimosa e as mudanças súbitas de opinião.

Síntese

Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete suas crenças estabelecidas.

Exemplos

Benjamin Disraeli, Claude Debussy, Henry Ford, Marie Curie.

Vênus

Guarda na memória imagens e exemplos que confirmam a verossimilhança de seus juízos, apagando sistematicamente as recordações que assinalem perplexidades e contradições, ou então integrando harmoniosamente estas últimas numa síntese imaginativa que, novamente, confirma suas crenças. Completa imaginativamente de forma plástica e agradável suas convicções, crenças e ideais morais, idealizando-as. Imagina-se no certo, se auto-satisfazendo com isso. Considera irrelevante tudo o que não confirma sua crença. Imaginação harmônica da credibilidade de suas crenças.

Em caso de depressão profunda, produz, com a mesma facilidade, imagens que dão verossimilhança às crenças adversas. A capacidade de persuadir-se a si mesmo é grande em ambos os casos, apenas operando no sentido do desejo ou contra ele.

Síntese

Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante os motivos de credibilidade que sustentam suas crenças estabelecidas.

Exemplos

Napoleão Bonaparte, Friedrich Nietzsche, Marie Curie, Thomas Mann, André Malraux, John F. Kennedy.

Lua

Deseja estar no certo, conseguir um sentido ético, moral e religioso, ser "aprovado por Deus", mas ao mesmo necessita manter um estado de dúvida, que lhe dá um sentimento de estar vivo; de modo que a necessidade da certeza só vale no sentido privativo, isto é, enquanto a certeza não é encontrada. A certeza precisa ter uma confirmação afetiva, o que é o mesmo que dizer que os juízos gerais abstratos buscam coincidir com a experiência concreta da realidade sentida a cada momento. Como, porém, não existe passagem direta do geral e necessário ao particular e contingente, há sempre uma tensão entre estes dois polos, e o indivíduo com Lua na IX se sente vivo enquanto vivencia plenamente esta tensão; de outro lado, esta vivência seria um sofrimento intolerável se não se fundasse na esperança de uma resolução, a qual, no entanto, deve permanecer puramente potencial, sem realizar-se nunca, para não deter o movimento. O indivíduo padece da própria flutuação em relação ao que acredita, isto é, as mudanças do seu estado emocional confirmam ou desconfirmam (valoriza ou desvaloriza) sua certeza naquilo que acredita.

Síntese

Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação tudo que afete suas crenças estabelecidas.

Exemplos

George Washington, Benjamin Disraeli, Oscar Wilde, André Gide, Mia Farrow.

Casa X

Refere-se ao conjunto de funções e lugares sociais que o indivíduo efetivamente ocupa, e que são definidos pelo poder que outros exercem sobre ele ou ele sobre os outros. Não se trata de obrigações de direitos bilaterais, e portanto relativos, como os da Casa VII, e sim de obrigações absolutas que o indivíduo tem para com a sociedade toda (e não para com este ou aquele indivíduo ou grupo em particular), em decorrência do lugar ou função que ocupa. Por exemplo, as obrigações inerentes a uma determinada profissão independem de que outras profissões cumpram suas obrigações respectivas: um engenheiro tem o dever absoluto de ser correto nos cálculos, independentemente de que seu cliente lhe pague ou não. É a auto-referência social a partir da posição do indivíduo no sistema de hierarquia: o poder e a influência que emanam da sua função social (real ou nominal), os aspectos coercitivos presentes na relação do indivíduo com os outros (pelos papéis que assumiu). Trata-se do exercício e padecimento do poder que é delegado pela situação histórica, social ou política (e não de um poder inerente às capacidades do indivíduo, como na Casa V). A função social efetiva não tem de corresponder necessariamente ao cargo ou profissão nominal: um deputado, por exemplo, pode ao mesmo tempo ser informalmente o líder do seu partido, e suas obrigações emanarão ao mesmo tempo de uma função e da outra. De outro lado, as obrigações de Casa X não se limitam de maneira alguma à esfera profissional: a função de pai, por exemplo, implica alguns deveres absolutos, além dos bilaterais.

Sol

Inteligência Intuitiva Topológica

Mapeia de imediato a situação social. Enxerga os indivíduos em termos de sua localização na topografia das relações, isto é, percebe rapidamente quem manda e quem obedece - a hierarquia - e o que convém para que ele próprio possa se situar com clareza nessa hierarquia, e buscar nela o lugar que julga conveniente. Olha as coisas de cima, como se já estivesse no topo do sistema de poder. Vendo a sociedade de maneira topográfica, como se já a conhecesse desde cima, o indivíduo tende a se impor sobre a sociedade, querendo moldá-la por si. Entretanto, se ficar isolado do meio social, o indivíduo não compreende mais nada, sua inteligência se apaga, pois perde a sua referência natural. Percebe a dosagem e o equilíbrio dos poderes coercitivos em jogo e se adapta provisoriamente às situações de poder. Não olha os indivíduos isolados, e nem mesmo nas relações bilaterais, mas procura quase que instintivamente encaixá-los no sistema total das relações, para poder enxergá-los melhor.

Síntese

Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade a hierarquia de poder, tal como pode percebê-la como um todo desde o lugar que nela ocupa.

Exemplos

Johan W. von Goethe, Napoleão Bonaparte, Auguste Comte, Honoré de Balzac, Júlio Verne, Auguste Rodin, Paul Gauguin, Vincent Van Gogh, Thomas Mann, Albert Einstein.

Saturno

A estrutura hierárquica gera estranheza no indivíduo, as relações de poder aparecem-lhe como inverossímeis, contraditórios ou problemáticas. Pergunta-se se é o indivíduo quem exerce poder sobre a sociedade ou se é a sociedade que faz dele um mero fantoche a seu serviço. De cada experiência que vive, tenta abstrair uma regra ou lei sociológica sobre as relações de poder. Estranha o poder, a autoridade e sua própria posição social, o lugar que ocupa em relação aos

outros. O poder que tem parece-lhe emprestado e não real. Toma para si o peso da responsabilidade sobre as questões sociais, e, se dispõe de algum poder, este não lhe parece totalmente adequado (na quantidade ou na forma) às responsabilidades que lhe incumbem. Pode ter uma certa facilidade de captar a estrutura social como um todo, contanto que a olhe abstrativamente e sem tentar enxergar, ao mesmo tempo, seu lugar dentro dela; inversamente, a consciência que tem de suas obrigações imediatas, definidas por sua função pessoal, não lhe parece encaixar-se harmonicamente na estrutura global. A busca de uma definição precisa de sua função pessoal - busca que visa a aliviar a angústia da incerteza quanto às suas obrigações - pode colocá-lo numa camisa-de-força, que ele sentirá, depois, como imposta desde fora; a tentativa de escapar dessa camisa-de-força o levará a confundir a luta contra si mesmo com a luta contra a imposição externa, e a desorientação daí resultante o fará buscar uma definição ainda mais estrita de sua função e deveres; e assim por diante indefinidamente.

Num desenvolvimento ideal este indivíduo colocaria a questão da realidade do seu poder pessoal num âmbito não pessoal, filosófico ou científico, utilizando sua preocupação como instrumento para o conhecimento da sociedade humana ou incorporando os valores de seu grupo, tornando-se um servidor do grupo ou da nação.

Seu esquema adaptativo seria: agarrar-se com firmeza a alguns valores da sua comunidade, baseando seu poder na imitação de tais valores (anulação da própria personalidade); tentar "subir na vida" para enxergar a sociedade desde cima, procurando assim compreendê-la; colocar-se fora da sociedade, em posição marginal; ocupar uma posição manifestamente abaixo de sua capacidade.

Aporia

Se todo o poder é delegado pela sociedade, quanto mais poder tenho mais dependente da sociedade me torno, e portanto tenho menos poder. Para realizar meus desejos pessoais, devo subir na escala social; para subir na escala social devo amoldar-me às exigências do lugar que pretendo ocupar; e para isto, devo abdicar de meus desejos pessoais.

Síntese

É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que se refira ao seu lugar na hierarquia de poder.

Exemplos

Leonardo da Vinci, Victor Hugo, Hans C. Andersen, Abraham Lincoln, Anatole France, Woodrow Wilson, Henry Ford, Marcel Proust, Albert Einstein, Pablo Picasso, Charles Chaplin, Adolf Hitler, André Malraux, J. Guimarães Rosa, Albert Camus, John F. Kennedy.

Júpiter

Deseja determinar livremente seu lugar na sociedade, independentemente de como funciona o sistema de hierarquias e pressões que o compõem. Não tem medo da sociedade e confia na sua capacidade de chegar ao topo dela, de dominá-la ou pelo menos de a obrigar a aceitá-lo tal como ele é. Quer ser livre das determinações sociais, que ele entende não como um molde ao qual devesse adaptar-se, mas, ao contrário, como mera matéria-prima sobre a qual exercer sua criatividade pessoal. O natural para este indivíduo é colocar-se sempre um grau acima dos outros, quer no sentido de ter mais autoridade quanto no de não temer qualquer responsabilidade, por maior que seja (mesmo que, numa avaliação realística, elas lhe sejam objetivamente superiores). Evitando qualquer exame deprimente de suas próprias limitações para este ou aquele posto, tanto pode evoluir continuamente e tornar-se cada vez mais capaz, quanto tornar-se um satisfeito incompetente. Provavelmente será visto pelos outros como

capaz de assumir qualquer responsabilidade. Confia na sua própria autoridade, o que às vezes a torna real. Quando ocupa uma posição subordinada, acredita geralmente poder manipular os superiores em causa própria e, quando não o consegue, prefere abandonar o cargo. No entanto, reconhece facilmente a legitimidade de uma autoridade, quando esta lhe parece expressar seus próprios ideais, pois neste caso a obediência não implica constrangimento.

Síntese

Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos o seu lugar na hierarquia de poder.

Exemplos

Franz Schubert, Honoré de Balzac, Victor Hugo, Auguste Rodin, Pierre A. Renoir, Henri Matisse, Pablo Picasso, André Malraux.

Marte

O indivíduo com esta posição é sensível a situações onde sinta sua posição, dentro de determinada hierarquia social, ameaçada, seja de cima (por uma autoridade coatora), ou de baixo (por um subordinado rebelde).

Reage querendo derrubar aquele que exerce poder sobre ele, porque é extremamente incômodo obedecer, e mais incômodo ainda refletir para definir com precisão os deveres que sua posição determina. Sendo hipersensível em questões de mando e obediência, enerva-se facilmente quando essas questões se tornam complexas, e procurará resolvê-las de maneira sumária, o que pode significar tanto o exercício de um comando autoritário, quanto uma explosão de rebeldia, ou ainda a retirada brusca e sem explicações: em todos os casos há uma recusa espontânea da reflexão e uma necessidade de simplificar, mesmo que em prejuízo próprio. A rapidez da reação parece mais importante do que o conteúdo da intenção.

Síntese

Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete o seu lugar na hierarquia de poder.

Exemplos

Wolfgang A. Mozart, Alexandre Dumas, Richard Wagner, Giuseppe Verdi, Gustave Flaubert, Friedrich Nietzsche, Vincent Van Gogh, Kaiser Guilherme II, Leon Trotsky, Franklin D. Roosevelt, Tyrone Power, Mia Farrow.

Vênus

Guarda na memória o conjunto dos papéis, funções e relações sociais que observou nas diferentes pessoas e situações durante a vida e que, a cada momento, constelam para este indivíduo um sistema mais ou menos completo e coerente, no qual ele se orienta segundo códigos facilmente operáveis. Concebe harmoniosamente o conjunto social e nele se integra, idealizando sua posição social e utilizando esta idealização como uma forma de progressivamente dar realidade ao papel que deseja desempenhar. A sociedade em que vive aparece para este indivíduo como um leque de cartas de baralho no qual se pode sempre escolher o mais conveniente. Como em todas as posições de Vênus, aqui o *wishfulthinking* se torna uma arma na luta pela vida, conservando o indivíduo mais ou menos defendido dos aspectos de sua posição social que ele não deseja conscientizar, por senti-los como deprimentes ou desmotivantes. Se auto-satisfaz imaginando que sua posição na hierarquia de poder é melhor do que realmente é: mas o que é falso com relação à atualidade pode ser verdadeiro na potencialidade. Imaginação harmônica do seu lugar no conjunto social.

Em caso de depressão profunda, o indivíduo passará a se identificar compulsivamente com as piores cartas do baralho: basta que uma determinada posição no tecido das relações humanas lhe pareça inconveniente ou humilhante, para que ela imediatamente adquira uma verossimilhança "plástica" contra a qual nada poderão os mais engenhosos argumentos.

Síntese

Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante os motivos de credibilidade que sustentam suas crenças estabelecidas.

Exemplos

Johan W. von Goethe, Paul Gauguin, Vincent Van Gogh, Henry Ford, Henry Miller, Marilyn Monroe.

Lua

É extremamente sensível a sua própria posição na sociedade humana e seu estado de ânimo é profundamente alterado por esta. A felicidade dependerá do lugar que ocupa na hierarquia de poder, mas, como sempre nas posições da Lua, aqui o que interessa não é o conteúdo do bem em questão, mas o seu valor subjetivo; isto é, o que o indivíduo deseja não é um determinado lugar na sociedade, mas a satisfação íntima que ele simboliza. Como, por outro lado a relação entre o bem e o símbolo não é direta e lógica, mas indireta e subjetiva, o indivíduo se move entre o desejo desse bem, o temor de que sua conquista não traga a felicidade desejada, a angústia de perdê-lo e o desejo de conservar a felicidade em caso de perda do bem que a simboliza - movimento quádruplo que é simbolizado nas fases da Lua. Onde estiver a Lua, lá existirá a ambígua relação entre a definição geral e abstrata de um valor e os bens particulares e concretos que o materializam imperfeitamente a cada instante. Aqui, por exemplo, o "sucesso", enquanto valor abstrato, pode ser intensamente desejado, mas cada sucesso real alcançado é ao mesmo tempo uma corporificação e um desmentido desse valor, no sentido de que nenhum sucesso é o sucesso. Realização e decepção caminham de mãos dadas, do mesmo modo que decepção é nascimento de novos desejos - e assim por diante interminavelmente. É isto o que explica que, na casa onde está a Lua, a intensidade do desejo possa coexistir com estranha passividade ou omissão no sentido de esforços reais para atendê-lo: o esforço traz o desejo para a esfera do confronto com a realidade e, por isto mesmo, o esfria: daí que o desejo só mantenha sua plena intensidade enquanto paira nas nuvens da mera suposição. Por isto, é certo dizer que aqui o indivíduo menos deseja conquistar uma certa posição do que ser nela colocado sem um esforço próprio demasiado evidente para ele mesmo; se ele luta para conquistar esta posição, deve fazê-lo de maneira mais ou menos imperceptível (para ele mesmo); se não luta, espera ao menos que a intensidade do seu desejo mobilize os outros para que o satisfaçam.

Síntese

Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação seu lugar na hierarquia de poder.

Exemplos

Franz Schubert, Alexandre Dumas, Richard Wagner, Gustave Flaubert, Guy de Maupassant, Mohandas K. Gandhi, Franklin D. Roosevelt, Graciliano Ramos.

Casa XI

Refere-se aos projetos futuros do indivíduo, aos planos de vida, a como ele concebe o próprio futuro e o que deseja obter da vida em termos de uma imagem integral do personagem que quer ser. Trata em termos mais amplos da inserção do indivíduo na corrente histórica de sua época, nos ideais de sua geração. Por isso, está ligado ao desejo de fama, de fazer algo extraordinário, que projete o sujeito para além de si, como personalidade histórica ou "tipo notável".

Esta Casa está, por isso mesmo, associada aos modelos e tipos ideais de conduta que orientam e medem as ações do indivíduo; aos ídolos que ele venera e aos mitos a que procura adaptar-se. Está associada tanto à idéia de "previsão" quanto a de "planejamento": à capacidade de enxergar o futuro tanto quanto à de forjá-lo, sendo às vezes difícil distinguir quando se trata de uma ou outra destas coisas.

Refere-se também a idéia de geração como pertinência a um "grupo de juventude" com o qual o indivíduo compartilha, explícita ou implicitamente, ideais e ambições porque é com estes que o indivíduo se identifica em relação a um objetivo de vida parecido. É a estratégia, como domínio do curso das coisas a longo prazo, em oposição ao domínio tático da situação imediata (Casa V).

Sol

Inteligência Intuitiva Estratégica

O indivíduo vê sua vida como um trajeto que culminará numa apoteose, quando ele alcançar o que quer ser. Preocupa-se com o seu personagem e com o qual a figura que terá ao longo do tempo. Enxergando-se como uma pessoa especial e importante, tem facilidade de saber como as pessoas especiais e importantes enxergam o mundo. Vê na situação presente o germe do futuro, tudo é em função de um antes e um depois. Quanto mais distância puder tomar do momento presente, melhor planejará.

Tudo é visto por ele num plano muito grande, com uma perspectiva temporal, por isto só enxerga claramente as coisas contra esse pano de fundo, que é o que ele pretende realizar, e não no quadro limitado à situação mais imediata. Sem perspectivas amplas, nada enxerga. Desde muito cedo já intui o que quer ser, tem uma noção muito clara de seus ídolos e modelos. Sua consciência de vocação é aguda e tende a aparecer mais prematuramente que nos demais.

Síntese

Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade as forças que, no presente, moldam um futuro de acordo com sua visão.

Exemplos

George Washington, Thomas Hardy, Friedrich Nietzsche, Guy de Maupassant, Ernest Hemingway, Gregory Peck, Marilyn Monroe, Mia Farrow.

Saturno

Para realizar qualquer coisa no futuro, temos de acreditar que ele é possível e que possuímos os meios, as condições e a força para realizá-la. Para acreditar no seu plano, o indivíduo tem, de certa forma, de começar a agir agora como se já fosse aquele que quer ser. Isto, porém, é um fingimento, que toma por real algo que ainda não é real, que é apenas potencial. O futuro não pode ser provado racionalmente, *a priori*, pois quem dará essa prova é a ação do indivíduo.

Somos conduzidos para o futuro por uma crença mais ou menos cega.

O indivíduo com esta posição examina criticamente esta questão de futuro e percebe logo a distância entre o que pretende e o que é agora. Na infância ou na adolescência essa distância é enorme e o indivíduo não consegue se abstrair dela, para agir com confiança. Para ele, não basta crer numa fantasia, ele quer provar matematicamente que irá conseguir o que deseja e este esforço racional acaba inibindo a crença necessária para realizar o que quer. Instala-se uma contradição entre o desejo da planificação racional e a necessidade da crença irracional que fundamenta a motivação.

O indivíduo percebe qualquer indício de contradição, de incoerência, nos seus planos de vida. Ele próprio argumenta contra esses planos, argumentando que estão muito acima de suas capacidades ou que, uma vez realizados, não lhe trarão qualquer satisfação real.

Busca modelos muito claros e definidos, mas, quando os encontra, mede-se com eles e se vê muito abaixo. A admiração mistura-se então com o sentimento de inferioridade, eventualmente com inveja ou ressentimento.

O constante questionamento de seus próprios planos e perspectivas de vida pode levá-lo a uma espécie de esgotamento imaginativo, que o induzirá a fixar-se, por mera comodidade, num plano demasiado vago ou demasiado restrito. Neste caso, dará uma nítida impressão de desleixo em relação a seu próprio futuro. Pode acontecer também de amoldar-se de maneira um tanto comodista a planos e esquemas de vida coletivos, para escapar à angústia do questionamento pessoal que, uma vez acionado, tende a ir fundo demais e a tornar-se paralisante.

Num desenvolvimento ideal este indivíduo desenvolveria uma consciência crítica em relação ao tempo, à história, ao desenvolvimento de sua geração. Iria adquirir conhecimentos sobre as matrizes da fama, como levar uma vida cuja importância transcenda a existência individual, integrando-se ao curso da História. A partir desse conhecimento, poderia "fabricar" fama, própria ou alheia, ou tornar-se um planejador com grande capacidade projetiva e crítica.

Seu esquema adaptativo pode ser: não pensar no futuro, vivendo como se não houvesse amanhã; rigidez artificial, perseverando cegamente nos planos estabelecidos; conceber um futuro diminuído para si mesmo; aproximar-se de pessoas famosas, vivendo um pouco da fama alheia; errar na avaliação de sua própria importância (superestimando ou subestimando), e procurar não questionar isso.

Aporia

Só posso realizar um plano se enxergo nitidamente sua realização; mas, se enxergo como real algo que ainda é apenas plano, que não tem realidade senão na minha imaginação e vontade, escapo da realidade para crer no sonho; logo, ou me apego ao real e, não crendo no futuro, perco a motivação de realizá-lo, ou, crendo no futuro, saio fora do real e, como sonhador, não realizo nada.

Síntese

É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que afete sua visão de futuro.

Exemplos

Immanuel Kant, Benjamin Disraeli, Auguste Rodin, Pierre A. Renoir, Vincent Van Gogh, Oscar Wilde, Charles de Gaulle, Mário Ferreira dos Santos.

Júpiter

O indivíduo deseja ter seu futuro totalmente em aberto para fazer os planos que quiser e mudá-los quantas vezes julgar conveniente, no que não vê nenhuma infidelidade ou incoerência, mas o simples exercício da liberdade de ser seu próprio guia. Tem facilidade para fazer planos de vida, de ver qual será o seu personagem depois de um certo tempo e se transformar nele, sem que haja necessidade de constantes medições e comparações, que arriscariam ser paralisantes (como acontece com Saturno na XI). Tem facilidade de agir hoje em função das projeções que coloca no futuro. Mesmo que não saiba quem ou o que vai ser no futuro já sente que está indo na direção certa com todas as suas forças. Ele procede com uma espécie de identificação projetiva realizante, agindo como se fosse tal ou qual coisa e acabando por se transformar nela. Tem facilidade não só para encontrar seus modelos, mas para imitá-los espontaneamente, transformando a admiração em assimilação.

Síntese

Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos tudo o que determine seu futuro e sua fama.

Exemplos

Franz Liszt, Karl Marx, Anatole France, Paul Gauguin, Henry Ford, Gregory Peck.

Marte

O indivíduo com esta posição sente-se ameaçado por qualquer oposição ou questionamento a algo que se está propondo, algo que quer ser ou fazer, a qualquer coisa que se interponha entre ele e seus planos.

Reage tentando remover prontamente o obstáculo ao que pretende: tem pressa, urgência em chegar ao objetivo proposto. Não quer perder tempo com pensar, negociar, transigir. Quer agir logo, desencadeando efeitos que o levem até onde deseja chegar. Isto tanto poderá fazê-lo abandonar, num repente, projetos longamente acalentados, mas também dar-lhe a capacidade de adaptar, de improviso, uma situação fortuita, amoldando-a a seus planos.

Se não for ambicioso poderá agir no sentido de destruir suas possibilidades futuras, antes que outras pessoas o façam.

Síntese

Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que afete sua visão de futuro.

Exemplos

Napoleão Bonaparte, Franz Schubert, Honoré de Balzac, Ralph W. Emerson, Paul Cézanne, Thomas Hardy, Carl G. Jung, Graciliano Ramos, Arthur Koestler, Albert Camus.

Vênus

Guarda na memória as imagens esquemáticas de muitas pessoas vistas (realmente ou em fantasia) na infância, e estas imagens estão carregadas de uma aura de prestígio mágico, que faz delas emblemas e modelos das possibilidades superiores do próprio indivíduo. Estes modelos são para ele "pessoas notáveis", envoltas de fama (a fama é uma espécie de repercussão extraordinária, que amplifica o alcance e significado dos atos humanos, resgatando-os da mera accidentalidade empírica), e elas lhe servem, portanto, como padrões para a aferição do próprio estado de sua vida: ele está a cada momento "mais perto" ou "mais

longe" dos modelos idealizados. A imagem da felicidade perfeita assume o aspecto de uma "vida plenamente significativa", isto é, coroada de importância, tal como a dos modelos. Como os ideais de vida são pelo menos esquematicamente compartilhados com os companheiros de juventude, a imagem de sua geração - grupo de jovens que, provindo do isolamento da vida familiar, entram no fluxo histórico de um "mundo maior" - é, neste indivíduo, aureolada de um prestígio quase mítico. O apelo a uma "grande vida" assume aqui o sentido que lhe deu Alfred de Vigny: um sonho de juventude realizado na idade madura. Imagina o sentido de geração, os grandes planos do homem para o futuro. Capacidade de projetar-se no futuro porque concebe o efeito de sua passagem historicamente, se auto-satisfazendo com isto. Imaginação harmônica dos ideais humanos, da perspectiva futura.

Em caso de depressão profunda, observa-se a perda total do sentido do mito da geração: há um sentimento de ter perdido o bonde da história, de estar solto como átomo no espaço vazio.

Síntese

Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante o mundo futuro.

Exemplos

Auguste Comte, Honoré de Balzac, Júlio Verne, Thomas Hardy, Auguste Rodin, Albert Einstein, Ernest Hemingway.

Lua

As imagens-modelo referidas em Vênus na XI são as mesmas, porém aqui adquirem uma ambiguidade e instabilidade que as carrega de expectativa e dramatismo, de modo que o indivíduo não se entrega ingenuamente confiante ao culto dessas imagens, mas oscila entre o culto e a negação. Busca confirmar o mito da geração, ao mesmo tempo que o renega como ilusório, de modo que entre o "entusiasmo passivo" de quem participa de um mito coletivo e a reação individualizante que o destaca de sua geração é que se decide o ritmo motivacional deste indivíduo. Grandes sonhos, grandes planos, que num instante são motivos de felicidade e no outro de infelicidade. Deseja penetrar no fluxo da história, deseja a fama, mas ao mesmo tempo vivencia este desejo passivamente: como que desejaria que alguém o arrastasse para dentro da participação nesse fluxo; pois o esforço pessoal nesse sentido arrisca, por contraste, estourar o balão do sonho. Deste modo a relação com os modelos é ambígua e cíclica, e não um culto permanente de imagens estaticamente atrativas, como em Vênus na XI.

Síntese

Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação tudo o que, a seus olhos, anuncie ou desminta uma perspectiva futura.

Exemplos

Auguste Comte, Ralph W. Emerson, P. Charles Baudelaire, H. Toulouse-Lautrec, Bertrand Russell, Winston Churchill, Thomas Mann, Arthur Koestler, Tyrone Power, John F. Kennedy.

Casa XII

Refere-se a relação do indivíduo com o espaço indefinidamente grande que rodeia a sua esfera de vida conhecida, ou mesmo que se prolonga para muito além e em torno da esfera reconhecida no seu meio social. É tudo quanto, para ele ou para seu grupo de referência, está fora do mundo conhecido (embora, para outros indivíduos ou grupos, possa ser bastante conhecido e até banal). É um âmbito que o indivíduo mais pressente e adivinha do que enxerga. É, portanto, tudo o que, para ele, surge como transcendente, inusitado, misterioso e incontrolável. É um sistema aberto de influências múltiplas e desconhecidas às quais está submetido, que o determinam, e que ele terá de ir conhecendo aos poucos. Não se deve esquecer que o conteúdo desta Casa é relativo e não absoluto: o que para um indivíduo é transcendente e misterioso constitui, para outro (ou para ele mesmo numa época posterior) a trama mesma da banalidade cotidiana. Nada, portanto, de atribuir a esta Casa, mistificatoriamente, conteúdos sempre "espirituais". O que meus vizinhos falam de mim sem que eu ouça, criando em torno de mim uma atmosfera vagamente malévola que pressinto mas não logro captar, é, sem dúvida, Casa XII; e nada mais banal que uma fofoca de vizinhos. A astrologia clássica viu isto perfeitamente bem ao falar de "inimigos ocultos": o inimigo oculto não é necessariamente Satanás em pessoa, mas pode ser a quitandeira da esquina. A Casa XII define-se negativamente e não positivamente; e aquilo que não enxergo, e que escapa mesmo a percepção do meu meio social pode ir desde as leis cósmicas que determinam invisivelmente o curso das coisas, até alguma informação banal, fortuitamente ocultada por um menino amedrontado.

Sol

Inteligência Intuitiva Expectante

A inteligência do indivíduo funciona quando ele está à mercê de correntes causais que o ultrapassam infinitamente. Ele pressente essas correntes e sabe para onde elas o levam. Enxerga as coisas quando está como uma folha arrastada pela tempestade. O que está dentro da sua esfera de atuação cotidiana lhe parece, paradoxalmente, menos claro e compreensível do que aquilo que, vindo de fora dessa esfera, e desde regiões desconhecidas, afeta o curso cotidiano das coisas. Por isto, este indivíduo se sente mais a vontade - intelectualmente - quando está solto num espaço ilimitado e inabarcável do que quando lida com as coordenadas habituais de uma esfera de ação mais definida. Ele confia no seu faro para encontrar uma direção no meio da confusão. Tem mais facilidade para pressentir as correntes profundas que desde longe vem se aproximando do seu barco do que para enxergar a onda próxima que já o sacode. É justamente na confusão que enxerga melhor. Não necessita da ordem, pois a desordem, o caos, lhe dão uma sensação de inteligibilidade.

Intui o indefinível por pressentir as forças que embora não conheça sabe que o carregam. Entende melhor o que ainda não viu. Toda vez que busca ver o objeto com muita clareza, isolando-o dos objetos circunvizinhos, não o entende mais; e necessita diluí-lo de novo na multidão inumerável das coisas. Sua inteligência é centrada em tudo o que não pode definir por ser grande demais. Pressente os grandes acontecimentos, embora não possa definí-los precisamente. Vive nas informações das grandes atmosferas. Pode manter-se indefinido como estratégia para não lesar sua intuição, ou ainda, pode buscar a solidão pois, solitário, não estará determinado por uma situação exterior e assim poderá manter a sua atenção difusa.

Síntese

Intui primordialmente e toma como modelo de toda percepção da realidade tudo o que pareça provir de fora de seu espaço vital.

Exemplos

Alexandre Dumas, Anatole France, Mohandas K. Gandhi, Judy Garland.

Saturno

Para orientar-se, o indivíduo busca em tudo o que lhe acontece um nexo com o todo maior. Esse nexo pode ser analógico (buscando semelhanças) ou de finalidade (se tudo tem uma finalidade, então, isto aqui também tem). Necessita de coisas que tenham um sentido, uma finalidade explícita, mas que ao mesmo tempo o deixem livre para escolher outras finalidades. Entretanto, tão logo compreende a ordem presente em algo, ou seja, o sistema de nexos presente em cada situação, sente-se preso e restrito nessa ordem. Não suporta a pré-determinação, embora, intelectualmente, necessite dela para sentir-se seguro. Torna-se inimigo de tudo o que entende racionalmente, de tudo o que dá a impressão de fechar-se num sistema. Tão logo entende algo racionalmente procura escapar do que entendeu. Para orientar-se num mundo que lhe parece vasto e indefinido demais, procura captar as cadeias de causas que levarão necessariamente a tais ou quais consequências, dando um sentido ao movimento do conjunto; porém, uma vez captado esse movimento, ele lhe parece fechado num determinismo fatalístico que o oprime ainda mais do que o anterior sentimento de estar perdido numa vastidão indefinida. Esta contradição é facilmente projetada na sociedade humana, que ora lhe surge como um oceano caótico, ora como uma prisão com regulamentos tiranicamente rigorosos. O sentimento de absurdo pode ser causado, alternadamente, pela ausência de parâmetros ou por parâmetros demasiado estritos.

Suporta uma quantidade imensa de non sense porque necessita de desordem mental para escapar do sentimento de opressão; mas a própria desordem pode tornar-se opressiva.

Em razão dessa alternância, o indivíduo adquire uma propensão de colocar-se ora dentro, ora fora das situações, nunca se identificando bem com os papéis que exerce, nem os abandonado por completo. Torna-se assim uma espécie de intermediário entre os "de dentro" e os "de fora". É por isto uma espécie de depositário de informações que são secretas para um desses dois lados, motivo pelo qual não pode nunca se abrir completamente e aliás nem saberia como fazê-lo. É natural, portanto, que sua rede de compromissos implique deveres contraditórios e uma sobrecarga moral; por este motivo, ele tende a fugir periodicamente de todos os compromissos, para, no isolamento, recompor sua coerência interna; mas esse isolamento pode-lhe custar a ruptura de muitos outros compromissos. Os indivíduos com Saturno na XII dão frequentemente aos outros a impressão de serem esquivos, de não estarem comprometidos com nenhum papel social determinado, ou de estarem sempre desaparecendo nos momentos mais imprevistos. Idealmente, o seu questionamento das finalidades levaria a preocupações de ordem metafísica, colocadas numa esfera de universalidade teórica, fora e acima de sua existência imediata. O esquema adaptativo deste indivíduo pode ser: fazer as coisas sem procurar entendê-las em referência a um nexo de finalidade (por exemplo: fazer favores, não contestar, não fazer perguntas); adaptar-se socialmente, mas mantendo sempre um "ponto de fuga" (álcool, drogas, uma religião ou seita) em que se sinta livre da interferência da sociedade, do sistema; ficar marginalizado, entregue ao caos; alternar entre a adaptação a um emprego e uma repentina saída, ficando um período em situação marginal.

Aporia

Se existe uma ordem para as coisas, então o indivíduo está preso dentro dela, portanto não há livre arbítrio. Só existe livre arbítrio se não houver ordem, se tudo for um caos, mas para que serviria a liberdade dentro do caos? O sentido e a liberdade parecem ser contraditórios.

Síntese

É impelido a integrar nos seus esquemas consolidados - ou a amoldá-los a - qualquer informação que pareça provir de fora do seu espaço vital.

Exemplos

George Washington, Franz Schubert, Honoré de Balzac, Ralph W. Emerson, Mark Twain, H. Toulouse-Lautrec.

Júpiter

O indivíduo com esta posição quer permanecer livre de tudo, sem se comprometer com o mundo. É o desejo de liberdade num sistema aberto, sem limites, sem direções definidas.

Não teme o desconhecido, pelo contrário, sente-se à vontade, livre, quando se encontra perdido, solto no mundo, e se abandona cheio de confiança às mãos da Providência, da sorte. Sente que algo lhe dirá qual é a melhor direção. Confia no invisível. Identifica a liberdade com ausência de determinações, e, como toda decisão sempre implica o reconhecimento de uma situação determinada, isto é, ao menos parcialmente fechada, este indivíduo poderá se esforçar para não ter de decidir, pois a necessidade de decisão já representa para ele, um constrangimento e uma decepção. Tem a impressão de que o ato de decidir rompe a harmonia do todo e não constitui um exercício da liberdade: o homem livre não é só livre para decidir, mas é livre da necessidade de decidir. Há aqui, portanto, uma certa recusa de reconhecer a realidade dos constrangimentos, isto é, uma negação da fatalidade e uma consequente afirmação da Providência. Isto tanto pode evoluir no sentido de um absenteísmo perfeitamente irresponsável, quanto no de um progressivo afinamento com a ordem invisível das coisas. Às demais pessoas, poderá parecer sutil e escorregadio, ao ponto de jamais ninguém saber por onde cobrá-lo, e nem sequer se alguma cobrança tem cabimento.

Síntese

Age como se tivesse o poder de amoldar a seus propósitos o que pareça provir de fora de seu espaço vital.

Exemplos

Immanuel Kant, Auguste Comte, Paul Cézanne, Emile Zola, Theodore Roosevelt, Kaiser Guilherme II, Henry Miller.

Marte

O indivíduo com esta posição sente-se ameaçado por qualquer pressão, do ambiente ou das outras pessoas, que pretenda enquadrá-lo em algum sistema conhecido, defini-lo objetivamente ou comprometê-lo com alguma coisa. O meio-ambiente lhe surge como uma trama progressivamente apertada, da qual tem de esforçar-se para escapar. O constrangimento é uma ameaça constante, que vem um pouco de toda parte; o indivíduo tem facilidade de senti-lo, e até de pressenti-lo, junto com o total desinteresse - ou incapacidade - de identificar sua verdadeira origem: o que lhe importa não é saber de onde vem o constrangimento; é escapar. A própria necessidade de investigar objetivamente a origem do constrangimento lhe parece constrangedora. Daí que, com frequência, fuja para a direção errada, ainda que no momento certo. Um exemplo típico é o do indivíduo que, sendo objeto de maledicência por parte de subordinados insignificantes, sente que o ambiente como um todo lhe é adverso, e se demite do cargo. A desproporção entre estímulo e resposta surpreende os observadores. Pela mesma razão, a necessidade de escapar a constrangimentos, sem distinguir constrangimentos reais e potenciais nem avaliar a gravidade relativa do caso, pode levá-lo a romper compromissos, a abandonar lealdades ou a lutar com fantasmas, ferindo, de passagem,

peessoas reais e inocentes.

Reage muitas vezes esquivando-se, escorregando para fora da situação ou agindo de forma disfarçada, encoberta, indireta, que não apareça para os outros. Sua ação aparece aos outros como ambígua, dando margem à várias interpretações.

Síntese

Reage de maneira pronta, exteriorizada e fugaz a qualquer informação que pareça provir de fora do seu espaço vital.

Exemplos

Anatole France, Paul Gauguin, Pablo Picasso.

Vênus

Todo homem sabe que, para além do seu espaço vital ou círculo de experiência, se estende a região indefinidamente vasta daquilo que, para ele, é "o desconhecido". Ele sabe que, neste desconhecido, se geram causas obscuras cujos efeitos poderão, amanhã ou depois, entrar no circuito dos "fatos" conhecidos. Logo, todo homem tem uma expectativa, mais vaga ou menos vaga, da interferência do ilimitado desconhecido na esfera limitada do conhecido. Essa expectativa assume um tom e uma modalidade diferente em cada pessoa. Com Vênus na XII, ela produz imagens onde a forma do ignorado assume um perfil plástico, sensível. É o mesmo que dizer que esta imaginação trabalha mais facilmente em cima de indícios pequenos e fragmentários, das brechas que, no círculo do cotidiano, anuncia a imensidão da possibilidade desconhecida, do que em cima das imagens mais completas de coisas e situações familiares. Quanto menos informação o indivíduo possui sobre uma sequência causal qualquer, mais facilmente o leque das possibilidades esperadas ou temidas assume nele a plasticidade das imagens. Ele "vê" aquilo que desconhece, quer o aguarde ou o tema. Concebe imaginativamente tudo o que para ele é mundo invisível, tudo o que transcende o seu espaço vital. Idealiza o que está fora da própria esfera pessoal. É natural, portanto, que a imagem de felicidade assuma para ele a forma de algo que está completamente longe e é radicalmente diferente da sua experiência corrente: ilhas paradisíacas, oásis míticos, por exemplo, ou ainda a imagem de um abrigo oculto, subtraído ao fluxo causal conhecido. Como esse paraíso está para além de toda a experiência real, ele assume o papel de um símbolo que resume o sentido último de toda a existência - e que está "fora" da existência não por ser em si mesmo falso, mas porque, necessariamente, o sentido de uma coisa está para além dessa coisa.

O sinal da depressão profunda é a desapareção da imagem do paraíso escondido, acompanhada de um sentimento de perda total do sentido da existência, isto é, de qualquer aspiração mais longínqua que pudesse justificar a miséria do real.

Síntese

Imagina poder moldar sempre em sentido proveitoso ou gratificante tudo que pareça estar fora do seu espaço vital.

Exemplos

Sta. Teresa de Ávila, George Washington, Benjamin Disraeli, Arthur Rimbaud, Claude Debussy, Mia Farrow.

Lua

A expectativa - esperançosa ou temerosa - do desconhecido toma aqui o aspecto de uma oscilação, sem projetar-se na imagem estática de um "outro mundo" como em Vênus na XII. Há o desejo e o temor de que causas desconhecidas alterem, para o bem ou para o mal, o círculo do mundo conhecido; e a aproximação dessas causas é vivida numa espécie de tateio

vacilante. Pela mesma razão, o desejo de fugir da estreiteza do mundo conhecido é compensado, pendularmente, pelo desejo de abrigar-se da imensidão do desconhecido, retornando ao círculo da banalidade diária. Refugiar-se do pequeno no grande ou do grande no pequeno, conforme um e outro assumam temporariamente o aspecto do desejável ou do temível, e conforme a estreiteza seja uma prisão ou um abrigo, e a imensidão uma libertação ou o extravio no vácuo, eis o ritmo quaternário que compassa as motivações deste indivíduo. Valoriza o desconhecido, o indefinível, o inacessível, mas, alternadamente, refugia-se no banal, no pequeno, no cotidiano.

Síntese

Sente como fonte principal de motivação ou desmotivação tudo que pareça provir de fora do seu espaço vital.

Exemplos

William Blake, Abraham Lincoln, Giuseppe Verdi, Edgar Degas, Thomas Hardy, Anatole France, Arthur Rimbaud, Claude Debussy, Gregory Peck.